

# BROMELIACEAE DA MATA ATLÂNTICA BRASILEIRA: LISTA DE ESPÉCIES, DISTRIBUIÇÃO E CONSERVAÇÃO<sup>1</sup>

Gustavo Martinelli<sup>2,5</sup>, Cláudia Magalhães Vieira<sup>3</sup>,  
Marcos Gonzalez<sup>2</sup>, Paula Leitman<sup>3</sup>, Andréa Piratininga<sup>3</sup>,  
Andrea Ferreira da Costa<sup>4</sup> & Rafaela Campostrini Forzza<sup>2,5,6</sup>

## RESUMO

(Bromeliaceae da Mata Atlântica brasileira: lista de espécies, distribuição e conservação) A Mata Atlântica está entre as mais importantes florestas tropicais do mundo, sendo considerada prioridade em termos de conservação devido a seu grau de ameaça e megadiversidade. Nesta floresta, Bromeliaceae é um dos grupos taxonômicos mais relevantes, devido ao alto grau de endemismo e expressivo valor ecológico decorrente principalmente de sua interação com a fauna. O presente trabalho tem por objetivo disponibilizar a lista de táxons de Bromeliaceae ocorrentes no domínio da Mata Atlântica no Brasil e o *status* de conservação de cada espécie de acordo com as listas oficiais, bem como a distribuição destas nos estados e nos corredores da biodiversidade. Foram registrados 31 gêneros, 803 espécies e 150 táxons infraespecíficos. Os gêneros *Andrea*, *Canistropsis*, *Canistrum*, *Edmundoa*, *Fernseea*, *Lymania*, *Nidularium*, *Portea*, *Quesnelia* e *Wittrockia* são endêmicos do domínio e *Vriesea* (166 spp.), *Aechmea* (136 spp.) e *Neoregelia* (97 spp.) são os mais diversos. Também merecem destaque *Alcantarea*, *Cryptanthus*, *Orthophytum* e *Neoregelia*, que não são exclusivos da Mata Atlântica, porém, apresentam neste domínio seu centro de diversidade. Os estados da Região Sudeste somados ao sul da Bahia são os que abrigam a maior riqueza de espécies. Quanto ao *status* de ameaça, constatou-se que 338 táxons de Bromeliaceae encontram-se citados em listas oficiais de espécies ameaçadas. Os corredores da biodiversidade se mostraram de extrema relevância para a conservação da família, abrigo de um grande número de espécies ameaçadas e endêmicas.

**Palavras-chave:** corredores de biodiversidade, espécies ameaçadas, endemismo.

## ABSTRACT

(Bromeliaceae of the Brazilian Atlantic Forest: checklist, distribution and conservation) The Atlantic Forest is amongst the most important tropical forests in the world, being considered a priority for conservation due to the high degree of threat to its megadiversity. In this forest, Bromeliaceae is one of the most relevant taxonomic groups due to its expressive level of endemism and ecological importance mainly reflected by its manifold relationships with the local fauna. This work presents a species list of Bromeliaceae from the Atlantic Forest domain in Brazil together with their conservation status, as well as the distribution of species within states and biodiversity corridors. Thirty one genera were registered, with 803 species and 150 infraespecific taxa. The genera *Andrea*, *Canistropsis*, *Canistrum*, *Edmundoa*, *Fernseea*, *Lymania*, *Nidularium*, *Portea*, *Quesnelia* and *Wittrockia* are endemic to the domain, and *Vriesea* (166 spp.), *Aechmea* (136 spp.) and *Neoregelia* (97 spp.) are the most diverse. The genus *Alcantarea*, *Cryptanthus*, *Orthophytum* and *Neoregelia* are not exclusive to the Atlantic Forest, however they have their center of diversity in this biome. Brazil's southeast region plus southern Bahia state hold the highest species richness in the Atlantic Forest. Regarding the conservation status, 338 taxa of Bromeliaceae are cited in official lists of threatened species. The biodiversity corridors are extremely important for the conservation of the family, housing a great number of endemic and threatened species.

**Key words:** biodiversity corridors, threatened species, endemism.

---

Artigo recebido em 09/2007. Aceito para publicação em 02/2008.

<sup>1</sup>Projeto Financiado pelo Critical Ecosystem Partnership Fund (CEPF)

<sup>2</sup>Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Pacheco Leão 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>3</sup>Convênio JBRJ/Fundação Botânica Margaret Mee

<sup>4</sup>Museu Nacional/UFRJ, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>5</sup>Autores para correspondência: gmartine@jbrj.gov.br - rafaela@jbrj.gov.br

<sup>6</sup>Bolsista de Produtividade CNPq

## INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica está entre as mais importantes florestas tropicais do mundo, sendo considerada prioridade em termos de conservação devido à grande fragmentação a que foi submetida, e que põe sob risco sua megadiversidade. Acredita-se que seus fragmentos guardem 20.000 espécies de plantas, das quais 40% são endêmicas (Myers *et al.* 2000). Ao longo dos anos seus limites foram amplamente discutidos e seu domínio foi interpretado sob os aspectos florístico, climático e biogeográfico (Cabrera & Willink 1973; Rizzini 1997; Veloso *et al.* 1990; Leitão-Filho 1987; Oliveira-Filho & Fontes 2000). Com o reconhecimento da sua heterogeneidade devido à presença de diversos ecossistemas associados, e de gradientes florísticos e climáticos, aproxima-se hoje de um consenso sobre seus limites (*e.g.* Oliveira-Filho & Fontes 2000; Fundação SOS/INPE 2000).

Inventários florísticos em diversos trechos do domínio Atlântico vêm apontando Bromeliaceae entre as famílias de maior riqueza e diversidade tanto genérica quanto específica (Barros 1991; Marques 1997; Lima & Guedes-Bruni 1997; Araújo 2000; Costa & Dias 2001; Mamede *et al.* 2001; Assis *et al.* 2004; Amorim *et al.* 2005; Martinelli 2006). Ainda que a maioria dos inventários florestais não inclua ervas, especialmente as epífitas, naqueles específicos desta forma de vida, as Bromeliaceae e Orchidaceae dominam as listas (*e.g.* Kersten & Silva 2001; Borgo & Silva 2003; Brogalski & Zanin 2003; Giongo & Waechter 2004).

No Brasil foram realizados alguns levantamentos e floras sobre a família dentro da Mata Atlântica (Reitz 1983; Fontoura *et al.* 1991; Wanderley & Mollo 1992; Wendt 1994; Vidal 1995; Paula 1998; Sousa & Wanderley 2000; Nunes-Freitas 2005; Pontes 2005; Versieux & Wendt 2006; Vieira 2006; Barros 2006; Siqueira Filho & Leme 2006; Leoni & Trindade 2006; Costa & Wendt 2007; Moura *et al.* 2007; Versieux & Wendt 2007), além de trabalhos de cunho ecológico em comunidades (*e.g.* Martinelli 1998; Cogliatti-Carvalho *et al.*

2001; Fontoura 2005; Bonnet & Queiroz 2006). No entanto, todos os esforços até então empreendidos para inventariar as Bromeliaceae na Mata Atlântica, são certamente insuficientes uma vez que o leste brasileiro é um dos principais centros de diversidade da família (Smith 1955).

Após a publicação da Flora Neotropica (Smith & Downs 1974, 1977, 1979), avanços na taxonomia e na sistemática da família trouxeram um novo panorama especialmente com a publicação de mais de 900 espécies, 10 novos gêneros (Luther & Sieff 1994, 1997; Luther 2001), e no realinhamento, particularmente, da subfamília Pitcairnioideae (Givnish *et al.* 2005).

Em relação à taxonomia das espécies brasileiras, diversos estudos têm sido direcionados para a revisão de gêneros, subgêneros e complexos de espécies (Wendt 1997; Leme 1997, 1998, 2000; Costa 2002; Tardivo 2002; Sousa 2004a; Sousa 2004b; Forzza 2005; Faria 2006; Siqueira Filho & Leme 2006). Não obstante, ainda persistem lacunas de conhecimento, especialmente nos gêneros mais ricos (*e.g.* *Aechmea*, *Vriesea*, *Tillandsia*, *Neoregelia*). É notável na subfamília Bromelioideae a imprecisão nos limites genéricos, especialmente nos grupos relacionados a *Aechmea* (Faria *et al.* 2006), além dos inúmeros casos de imprecisão nos limites específicos (Faria 2006), sendo este último o principal problema também entre as Tillandsioideae (Costa 2002).

A importância de Bromeliaceae no cenário nacional da conservação da biodiversidade (Rocha *et al.* 1997; Martinelli 2006) e a necessidade de se reunir às informações taxonômicas após a publicação de Smith & Downs (1974, 1977, 1979), foram os principais argumentos que motivaram a realização da presente listagem, uma vez que inúmeros trabalhos realizados com as Bromeliaceae nas diversas áreas do conhecimento podem valer-se das informações nela contida.

Listas de espécies ou *checklists*, tradicionalmente, são compostas por táxons

encontrados em uma determinada área ou região geográfica, podendo ou não conter informações adicionais tais como a obra onde o táxon foi publicado, outras literaturas de referência, amostras examinadas, hábito, distribuição geográfica, preferências ecológicas, comentários taxonômicos, entre outras (GSPC 2005). A importância de *checklists* e floras, como ferramentas fundamentais para documentar a diversidade de plantas de uma região ou país, tem sido amplamente reconhecida (GSPC 2005; Clarke & Funk 2005; IOPI 2006; SPECIES2000 2006). Assim, o principal objetivo do trabalho aqui apresentado é disponibilizar informações acerca da riqueza e a distribuição geográfica dos táxons nos estados e nos corredores da biodiversidade, bem como o *status* de conservação das espécies de Bromeliaceae na Mata Atlântica brasileira, possibilitando o acesso a estes dados de forma ágil e fácil por pesquisadores, gestores, estudantes, ambientalistas e pelo público interessado.

## MATERIAL E MÉTODOS

Os dados para a elaboração deste *checklist* foram obtidos através de expedições de coleta, levantamento das coleções, das bases de dados dos herbários disponíveis na internet e dos materiais citados na literatura procedentes de áreas inseridas no domínio da Mata Atlântica. Todos os espécimes foram reunidos no sistema de banco de dados utilizado pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JABOT). Para atender às demandas específicas do projeto, o banco foi adaptado, incorporando e padronizando alguns campos úteis às análises sobre conservação, como o *status* de conservação das espécies e informações acerca de seus habitats. O algoritmo de georreferenciamento de corônimos foi incrementado, permitindo que as coletas pudessem ser localizadas da forma mais precisa possível em sistemas de informação geográfica (SIG).

Expedições para coleta de amostras foram feitas pelo Projeto Biologia e Conservação

de Bromeliaceae da Mata Atlântica, no período de 1998-2001, abrangendo áreas consideradas mais representativas do domínio Mata Atlântica. Para tanto, foram percorridos 96.000 km desde o Ceará até o Rio Grande do Sul, englobando 14 estados brasileiros, sendo visitadas 78 Unidades de Conservação federais, estaduais e municipais e 59 áreas particulares. As expedições resultaram na obtenção de 1.073 amostras e um total de 300 táxons, todos incorporados ao herbário RB, com duplicatas enviadas a diversas instituições. Também foram incorporados 2.815 exemplares vivos no Bromeliário do JBRJ.

Foram consultados os acervos de 26 herbários, a saber: ALCB, CESJ, CVRD, EAC, EAN, FLOR, GFJP, GUA, HB, HBR, IPA, JPB, MAC, MBM, MBML, MOSS, PEUFR, R, RB, RBR, RFA, SP (em parte), SPF, UFP, UPCB e VIC (acrônimos segundo Holmgren & Holmgren 1998). Também foram incluídos na base os dados cedidos pelo NYBG e os disponíveis no *SpeciesLink* do CRIA ([www.cria.org.br](http://www.cria.org.br)). A obtenção dos espécimes citados na literatura baseou-se em Smith & Downs (1974, 1977, 1979) e publicações posteriores até dezembro de 2006 (livros, revisões, obras originais, teses e dissertações).

Os nomes dos táxons adotados na listagem tomaram por base Luther (2004) e as publicações posteriores a esta data até dezembro de 2006. Também foram utilizadas as referências de Luther & Sieff (1994, 1997) e a lista de sinônimos de Marks (2006). Foram adotados os sinônimos propostos nas teses e dissertações de Costa (2002), Sousa (2004a), Sousa (2004b) e Faria (2006). Não foram incluídas espécies novas ou combinações novas propostas em dissertações e teses não validamente publicadas.

Para a delimitação do domínio Mata Atlântica utilizou-se o Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados (Fundação SOS/INPE 2000), e o Mapa da Reserva da Biosfera (CN-RBMA 2004) que abrange 17 estados e 3.418 municípios e uma área de 2.062.075 km<sup>2</sup> do

território brasileiro. A delimitação dos corredores da biodiversidade seguiu MMA (1998), Fonseca *et al.* (2004) e Ayres *et al.* (2005).

Dados acerca da distribuição geográfica por Unidade Federativa (UF) e ocorrência nos corredores da biodiversidade foram levantados em nível de espécie, uma vez que muitos exemplares de herbário examinados não se encontravam determinados a nível infraespecífico.

Para inclusão na lista foram considerados os táxons com ocorrência registrada na Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, bem como áreas de encrave de cerrado ou campo rupestre, inseridos no domínio. Também foram incluídas as espécies que ocorrem em encaves de Mata Atlântica inseridos em outros biomas (*e.g.* brejos de altitude inseridos na caatinga). Para táxons ocorrentes em zonas de transição utilizou-se o critério de avaliação caso a caso, optando pela inclusão do táxon quando as informações disponíveis (literatura, herbários e experiência de campo) permitiram inferir sua ocorrência dentro do domínio atlântico.

Para classificar as espécies nas diferentes categorias de graus de ameaça, foram utilizadas as informações existentes nas seguintes listas federais e estaduais: do Rio Grande do Sul (SEMA 2002), de Santa Catarina (Klein 1990), do Paraná (SEMA 1995), de São Paulo (SEMA 2004), do Espírito Santo (IEMA 2005) e do Brasil (IBAMA 1992). Também foram utilizadas as listas elaboradas nos *workshops* organizados pela Fundação Biodiversitas para Revisão da Lista Oficial do Brasil (2005) e Revisão da Lista de Minas Gerais (2006) que foram encaminhadas para homologação, mas até a presente data não foram publicadas.

A versão final do banco de dados contendo cerca de 22.000 espécimes encontra-se disponibilizada no endereço: [http://www.jbrj.gov.br/jabot/formularios/projeto\\_brom\\_ma.php](http://www.jbrj.gov.br/jabot/formularios/projeto_brom_ma.php), permitindo o acesso ao material testemunho que serviu de base para a elaboração da presente lista.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bromeliaceae conta atualmente com 56 gêneros e 3.086 espécies (Luther 2006). Na Mata Atlântica brasileira foi registrado um total de 31 gêneros, 803 espécies e 150 táxons infraespecíficos (Tab. 1). Dez gêneros (*Andrea*, *Canistropsis*, *Canistrum*, *Edmundoa*, *Fernseea*, *Lymania*, *Nidularium*, *Portea*, *Quesnelia* e *Wittrockia*) e 653 espécies são endêmicos dos domínios da Mata Atlântica. Os gêneros de maior riqueza de espécies são *Vriesea* (166 spp.), *Aechmea* (136 spp.) e *Neoregelia* (97 spp.) (Tab. 2). Também merecem destaque *Alcantarea*, *Cryptanthus*, *Orthophytum* e *Neoregelia*, que não são exclusivos da Mata Atlântica, porém apresentam neste domínio seus centros de diversidade. Os números aqui obtidos corroboram a costa leste do Brasil como um dos principais centros de diversidade e de endemismo de Bromeliaceae (Smith 1955).

O levantamento permitiu avaliar também as condições das coleções de Bromeliaceae depositadas nos herbários no tocante à identificação científica. Tomando por base os cerca de 22.000 espécimes incluídos na base de dados, foram encontrados inicialmente 1.415 nomes, demonstrando que grande parte das coleções da família encontra-se com as identificações desatualizadas. Tal fato pode ser explicado pelas mudanças nomenclaturais (especialmente combinações novas), descrição de novos táxons e sinonimizações constantes que vem sendo publicadas após as monografias de Smith & Downs (1974, 1977, 1979). Dos 953 táxons registrados no presente levantamento, cerca de 350 foram transferidos de gêneros ou descritos após a elaboração destas obras. Também podemos constatar que alguns gêneros (*e.g.* *Aechmea*, *Cryptanthus*, *Neoregelia*, *Billbergia*, *Hohenbergia* e *Dyckia*) possuem um grande número de espécimes indeterminados ou com identificações imprecisas, merecendo revisão urgente.

Os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo são os que possuem maior número de espécimes da família depositados

em herbários, com cerca de 7.500, 3.090 e 2.700, respectivamente. Da mesma forma, é na Região Sudeste onde estão os acervos com maior número de exsicatas de Bromeliaceae (RB, R, HB e SP, respectivamente). Ainda no tocante às coleções depositadas nos herbários, pôde-se constatar que muitos dos espécimes (inclusive *typus*) estão sendo perdidos devido à má conservação dos acervos brasileiros. Esta situação merece uma atenção especial, pois sem espécimes bem preservados é impossível realizar trabalhos taxonômicos que possam auxiliar na conservação (Lewinsohn & Prado 2002). Assim, sugere-se que instituições públicas recebam recursos específicos para manutenção de seus acervos, permitindo assim a preservação dos espécimes em longo prazo. Adicionalmente, políticas de incremento dos herbários através de novas coletas deveriam ser incentivadas, visto que existe uma deficiência de exemplares preservados, o que compromete o avanço do conhecimento do grupo e da diversidade brasileira. Da mesma forma, coleções de espécimes vivos deveriam ser mantidas nas instituições públicas que têm como missão promover o conhecimento e a conservação da biodiversidade brasileira.

Apesar de serem alvos constantes de críticas, as Listas Oficiais de Espécies Ameaçadas são importantes ferramentas para ações conservacionistas, seja por parte do Poder Público (*e.g.* estabelecimento de UCs, direcionamento de recursos e fiscalização), seja por parte do meio acadêmico, que vem somando esforços para ampliar o conhecimento sobre os táxons (Mendonça & Lins 2000; Fraga *et al.* 2007). Dentre os 953 táxons específicos e infraespecíficos registrados no presente levantamento, 338 encontram-se citados em alguma das listas oficiais de espécies ameaçadas e apenas 26 possuem categorias distintas dependendo da escala (estadual x nacional) (Tab. 1). Este fato nos leva a crer que, mesmo com metodologias muitas vezes distintas e tendo sido elaboradas em momentos históricos diferentes, as listas são coerentes entre si.

Segundo as listas oficiais, 54 espécies estão incluídas na categoria Criticamente em Perigo (CR), 89 Em Perigo (EP), 182 Vulneráveis (VU) e 17 Raras (R) (Tab. 1). Além destas, três espécies foram indicadas na Revisão da Lista Brasileira (Workshop Biodiversitas 2005) como Extintas na Natureza: *Cryptanthus fosterianus*, *Neoregelia binotii* e *Nidularium utriculosum*. Assim, dentre as espécies de Bromeliaceae registradas na Mata Atlântica cerca de 40% encontram-se sob alguma categoria de ameaça (existem espécies enquadradas em mais de uma categoria). Mais além, é provável que este número esteja subestimado devido ao pouco conhecimento do real estado de conservação das populações em ambientes naturais, bem como pelo número reduzido de espécimes depositados nos herbários, que compromete a avaliação da distribuição geográfica dos táxons.

Esta situação pode ser ilustrada pelos 218 táxons que foram registrados na Mata Atlântica apenas pela coleção-tipo (Tabs. 1 e 2). Deste conjunto, é importante ressaltar que mais de 180 foram descritos nos últimos 30 anos, e apenas 20 há mais de 50 anos. Quando considerada a procedência destes táxons destacam-se os estados do Espírito Santo (região serrana e Vitória), Bahia (Mata higrofila sul-bahiana) e Rio de Janeiro (Serras dos Órgãos e do Desengano e região sul do estado, entre Angra dos Reis e Parati) com 49, 41 e 46 casos, respectivamente. É também representativo o número de táxons cuja procedência é apenas suposta para a Mata Atlântica (38 táxons), uma vez que nem a etiqueta do material nem o protólogo informam a localidade da coleta. Os números parecem indicar também o avanço no conhecimento taxonômico em gêneros como *Canistrum*, *Canistropsis*, *Nidularium* e *Lymania*, que foram alvo de recentes revisões (Leme 1997, 1998, 2000, Sousa 2004b). Por outro lado, gêneros de maior riqueza como *Vriesea*, *Aechmea*, *Cryptanthus*, *Neoregelia*, *Tillandsia* e *Orthophytum* necessitam de um grande esforço de coleta, ainda que alguns de

seus subgêneros ou grupos de espécies tenham sido revistos (Costa 2002; Sousa 2004a; Faria 2006).

Considerando a distribuição geográfica das espécies pelas Unidades Federativas, é notável a partir do nordeste brasileiro o aumento da riqueza entre a Bahia e São Paulo, e o decréscimo a partir do Paraná, em direção ao sul, ainda que não tão evidente quando comparado à primeira região (Fig. 1). Os estados da Região Sudeste e o sul da Bahia abrigam mais da metade das espécies inventariadas (407 spp., 50,7%), ficando evidente que esta região é o principal centro de diversidade e endemismo da família no domínio. Na Região Nordeste fica evidente o Centro Pernambucano, onde dos 93 táxons registrados, 45,5% são endêmicos (Siqueira-Filho *et al.* 2006).

Alguns gêneros apresentam distribuição predominante em alguns estados, enquanto outros, como *Aechmea*, *Tillandsia* e *Vriesea*, possuem representantes ao longo de todo domínio. Apesar da ampla distribuição, *Aechmea* apresenta dois importantes centros de diversidade na Mata Atlântica. O primeiro em Pernambuco e Alagoas e outro entre a Bahia e o Rio de Janeiro. *Vriesea* possui maior diversidade entre a Bahia e Santa Catarina, incluindo Minas Gerais, com destaque para o Rio de Janeiro onde ocorrem 93 espécies. *Hohenbergia*, *Lymania*, *Portea* e *Ronnbergia* distribuem-se preferencialmente na hiléia baiana, onde ocorrem 21, oito, sete e quatro espécies, respectivamente. *Cryptanthus* apresenta o maior número de espécies entre a Bahia (10 spp.) e o Espírito Santo (25 spp.), *Dyckia* no Paraná (15 spp.), Santa Catarina (12 spp.) e Rio Grande do Sul (11 spp.) e *Neoregelia* no Espírito Santo (38 spp.) e no Rio de Janeiro (46 spp.).

Os corredores de biodiversidade visam manter a integridade da biota regional em grandes unidades da paisagem sujeitas a uma matriz de usos econômicos e conservacionistas (Cavalcanti 2006). Os corredores propostos para a Mata Atlântica (MMA 1998, Fonseca *et al.* 2004, Ayres *et al.* 2005) constituem uma

importante ferramenta de conservação, considerando o isolamento dos habitats decorrente da crescente e contínua fragmentação dos ambientes naturais e os principais centros de riqueza e endemismos de Bromeliaceae ocorrentes na Mata Atlântica (Martinelli 2006).

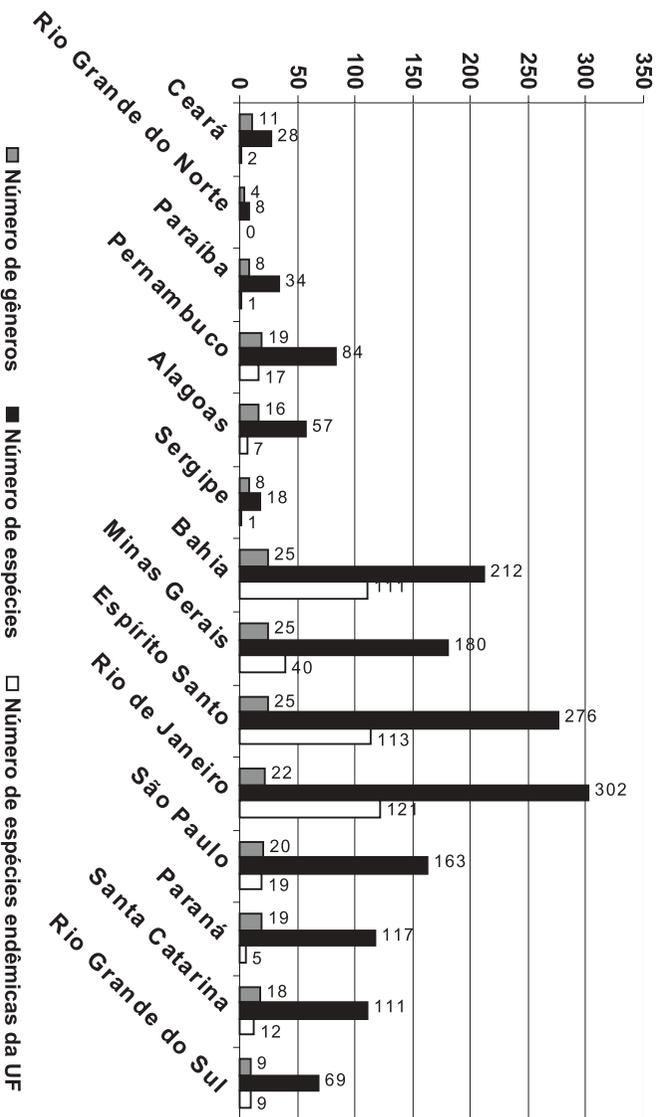
Os corredores têm sido abordados sob o ponto de vista da conectividade, onde a relação funcional entre fragmentos permite o contágio espacial entre o habitat e o movimento de organismos em resposta à estrutura da paisagem, possibilitando o fluxo de espécies, sementes e grãos de pólen (Urban & Shugart 1986, With & *et al.* 1997). Sob o enfoque de planejamento regional em áreas prioritárias para conservação, os corredores são unidades que incorporam mosaicos de diferentes paisagens, usos da terra e de áreas protegidas, no intuito de promover a conectividade entre habitats fragmentados e de proteger e garantir a sobrevivência das espécies e suas populações, num enfoque integrado e de larga escala de conservação, levando em consideração também às demandas sócio-econômicas e a ocupação urbana (Saunders & Hobb1991; Sanderson *et al.* 2003; Aguiar *et al.* 2003; Fonseca *et al.* 2004; Rocha *et al.* 2006).

Os três corredores da Mata Atlântica (Central, Serra do Mar e Nordeste) abrigam juntos 671 espécies de Bromeliaceae (Tabs. 1 e 3), o que corresponde a 83,6% do total de espécies registradas no domínio. O mais rico é o Corredor Central, com 396 espécies (49,3%), seguido pelo Corredor da Serra do Mar, com 369 (46%), sendo o Corredor do Nordeste o que apresenta a menor riqueza (86 espécies – 10,7%). Uma razão para o menor número de espécies no Corredor do Nordeste parece estar relacionada ao alto grau de fragmentação e à perda dos ambientes florestais ao norte do Rio São Francisco (Tabarelli *et al.* 2006). Por outro lado, a maior riqueza nos outros dois corredores pode em parte ser explicada pelo maior número e extensão de fragmentos florestais. Verifica-se ainda, para os três corredores, altos

percentuais relativos de espécies endêmicas da Mata Atlântica (CC – 84,8%; CSM – 83,7%; CNE – 61,6%) (Tab. 3).

No tocante ao *status* de conservação, os três corredores juntos possuem 84,1% do total de espécies ameaçadas da Mata Atlântica (265 spp.). O Corredor Central (CC) abriga o maior número de espécies ameaçadas (166–52,7%), sendo 149 delas endêmicas da Mata Atlântica. O Corredor da Serra do Mar (CSM), por sua vez, contém 143 (45,4%) espécies ameaçadas, sendo 117 endêmicas. Por fim, o Corredor do Nordeste (CNE) abriga 24 (7,6%) espécies, sendo 14 endêmicas (Tab. 3). Estes resultados demonstram a relevância dos corredores da biodiversidade quanto à riqueza, endemismo e ocorrência de espécies ameaçadas de Bromeliaceae, reforçando a importância do efetivo estabelecimento de estratégias em nível regional para a conservação da família no domínio.

Bromeliaceae é uma das famílias de angiospermas no Brasil que mais possui especialistas e informações disponíveis na literatura. Apesar disto, a avaliação dos números aqui obtidos deve levar em conta a lacuna existente no conhecimento da composição florística de algumas áreas remanescentes dentro do domínio, das quais temos pouco ou nenhum registro de coletas. Da mesma forma, não podemos ignorar que muitos táxons aqui listados possuem circunscrição imprecisa. Assim, a coleta de espécimes georeferenciados e com informações sobre tamanho e estado de conservação das populações, a realização de inventários, principalmente nas Unidades de Conservação, e a revisão de grupos devem ser fomentados e incentivados para que, num futuro próximo, as lacunas sobre a taxonomia, distribuição e conservação das espécies sejam menores.



**Figura 1** – Número de gêneros, espécies e espécies endêmicas de Bromeliaceae na Mata Atlântica por Unidade Federativa (UF).

**Tabela 1** – Lista dos táxons de Bromeliaceae ocorrentes no domínio da Mata Atlântica, suas respectivas obras e categorias de ameaça, bem como distribuição geográfica por Unidade Federativa (UF) e Corredores de Biodiversidade. CNE = Corredor do Nordeste; CC = Corredor Central; CSM = Corredor da Serra do Mar. CR = Criticamente em Perigo; EP = Em Perigo; R = Rara; VU = Vulnerável; PEX = Presumivelmente Extinta; EXN = Extinta na Natureza. RS (SEMA 2002); SC (Klein 1990); PR (SEMA 1995); SP (SEMA 2004); ES (IEMA 2005); Lista Oficial do Brasil (IBAMA 1992); Revisão da Lista Oficial do Brasil (Brasil 2005); Revisão da Lista de Minas Gerais (MG 2006). Endêmica = ocorrência restrita ao Domínio da Mata Atlântica. § Táxon de ocorrência duvidosa na Mata Atlântica. \* Táxon conhecido apenas pela coleção-*typu*. Dados acerca da distribuição geográfica por Unidade Federativa (UF) e ocorrência nos corredores da biodiversidade foram levantados em nível de espécie.

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Acanthostachys pitcairnioides</i> (Mez) Rauh & Barthlott	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 42: 34. 1983.		BA, ES	CC
<i>Acanthostachys strobilacea</i> (Schult. & Schult. f.) Klotzsch	Ic. Pl. Rar. 1: 21. t. 9. 1840.		MA, ES, MG, RJ, SP, PR, Extra-Brasil	CC, CSM
<i>Aechmea alba</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 375. 1894.		Endêmica. BA, MG	CC
<i>Aechmea alopecurus</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 367. 1894.	CR (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. BA, MG	
<i>Aechmea amicornum</i> B.R. Silva & H. Luther	J. Bromeliad Soc. 52(5): 221. 2002.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. BA, ES	CC
<i>Aechmea amorimii</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 46: 19. 1996.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea ampla</i> L.B.Sm.	Phytologia 24: 433. 1972.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea andersoniana</i> Leme & H. Luther*	J. Bromeliad Soc. 53(1): 3. 2003.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea andersonii</i> H. Luther & Leme*	J. Bromeliad Soc. 48(3): 127. 1998.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea apocalyptica</i> Reitz	Sellowia 14: 99. 1962.	R (SC 1990, Brasil 1992)	Endêmica. SP, PR, SC, RS	
<i>Aechmea aquilega</i> (Salisb.) Griseb.	Fl. Brit. W. I. 592. 1864.		AP, PA, MA, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA, Extra-Brasil	CC, CNE
<i>Aechmea araneosa</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 53. 1941.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea atrovittata</i> Leme & J.A. Siqueira*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 228. 2006.		Endêmica. AL	CNE
<i>Aechmea azurea</i> L.B.Sm.	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 141. 1950.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea bambusoides</i> L.B.Sm. & Reitz	Bull. Bromeliad Soc. 14: 32. 1964.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Aechmea bicolor</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 12. 1955.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea blanchetiana</i> (Baker) L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 13. 1955.		Endêmica. BA, ES	CC
<i>Aechmea blumenavii</i> Reitz var. <i>blumenavii</i>	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 21. 1952.	R (SC 1990, Brasil 1992)	} Endêmica. SC	
<i>Aechmea blumenavii</i> var. <i>alba</i> Reitz*	Fl. Ilustr. Catarin. BROM: 412. 1983.			
<i>Aechmea bocainensis</i> E. Pereira & Leme	Rev. Brasil. Biol. 45: 634. 1985.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Aechmea brachycaulis</i> E. Morren ex Baker	Hand. Bromel. 53. 1889.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. BA, AL	CC, CNE

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Aechmea bromeliifolia</i> (Rudge) Baker var. <i>bromeliifolia</i> <i>Aechmea bromeliifolia</i> var. <i>albobracteata</i> Philcox	Gen. Pl. 3: 664. 1883. Ashingtonia. 1(8): 92. 1974.	VU (RS 2002) VU (RS 2002)	AM, MA, RO, PA, TO, RR, AP, MT, CE, PB, MS, GO, DF, BA, MG, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Aechmea bruggeri</i> Leme	Bromélia 3(3): 24. 1996.	CR (MG 2006)	Endêmica. MG	CSM
<i>Aechmea burle-marxii</i> E. Pereira	Bradea 2(47): 307. 1979.		Endêmica. BA, MG	CC
<i>Aechmea caesia</i> E. Morren ex Baker	Handb. Bromel. 43. 1889.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea calyculata</i> (E. Morren) Baker	J. Bot. 17: 232. 1879.	VU (Brasil 2005)	SC, RS, Extra-Brasil	
<i>Aechmea canaliculata</i> Leme & H. Luther*	Selbyana 19(2): 184. 1998.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea candida</i> E. Morren ex Baker	Handb. Bromel. 41. 1889.	EP (SC 1990)	Endêmica. BA, ES, SC, RS	CC
<i>Aechmea capixabae</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado Sao Paulo 1(3): 56. 1941.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea cariocae</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 13. 1955.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea carvalhoi</i> E. Pereira & Leme	Bradea 4(34): 267. 1986.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea castanea</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 13. 1955.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea castelnavii</i> Baker	Handb. Bromel. 39. 1889.		AM, PA, MA, CE, GO, Extra-Brasil	
<i>Aechmea catendensis</i> J.A. Siqueira & Leme	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 205. 2006.		Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Aechmea caudata</i> Lindm. var. <i>caudata</i>	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 24(8): 29. 1891.			
<i>Aechmea caudata</i> var. <i>caudata</i> f. <i>albiflora</i> W. Weber & Röth <sup>§</sup> *	Feddes Repert. 93(5): 337. 1982.	EP (RS 2002)	ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM
<i>Aechmea caudata</i> var. <i>eipperii</i> Reitz	Sellowia 17: 41. 1965.			
<i>Aechmea caudata</i> var. <i>variegata</i> M.B. Foster	Bromel. Soc. Bull. 3: 47. 1953.			
<i>Aechmea cephaloides</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 202. 2006.		Endêmica. PE	CNE
<i>Aechmea chrysocoma</i> Baker	Handb. Bromel. 44. 1889.		Endêmica. PB, PE	CNE
<i>Aechmea coelestis</i> (K. Koch) E. Morren var. <i>coelestis</i>	Fl. Serres Jard. Eur. 21: 5. 1875.			
<i>Aechmea coelestis</i> var. <i>acutifolia</i> E. Pereira*	Bradea 2(49): 322. 1979.		ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Aechmea coelestis</i> var. <i>albomarginata</i> M.B. Foster <sup>§</sup> *	Bromel. Soc. Bull. 7: 91. 1957.			
<i>Aechmea comata</i> (Gaudich.) Baker var. <i>comata</i>	J. Bot. 17: 234. 1879.	R (SC 1990)		
<i>Aechmea comata</i> var. <i>makoyana</i> (Mez) L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 14. 1955	EP (SC 1990)	Endêmica. SC, RS	
<i>Aechmea conifera</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 53. 1941.		Endêmica. BA	CC, CNE
<i>Aechmea correia-araujoii</i> E. Pereira & Moutinho	Bradea 3(12): 85. 1980.		Endêmica. BA	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Aechmea costantinii</i> (Mez) L.B.Sm.	Phytologia 19: 281. 1970		Endêmica. PB, PE, AL	CNE
<i>Aechmea curranii</i> (L.B.Sm.) L.B.Sm. & M.A. Spencer	Phytologia 72: 97. 1992.		Endêmica. BA, MG	CC
<i>Aechmea cylindrata</i> Lindm.	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 3(24): 32. 1891.	EP (RS 2002)	Endêmica. SP, PR SC	CSM
<i>Aechmea dealbata</i> E. Morren ex Baker	Handb. Bromel. 58. 1889.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea depressa</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 54. 1941.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea digitata</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Phytologia 33(7): 432. 1976.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea discordiae</i> Leme	Bradea 4(33): 255. 1986.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea disjuncta</i> (L.B.Sm.) Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 384. 2006.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea distichantha</i> Lem. var. <i>distichantha</i>	Jard. Fleur. 3: pl. 269. 1853.	VU (RS 2002)	} MG, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM
<i>Aechmea distichantha</i> var. <i>distichantha</i> f. <i>albiflora</i> L.B.Sm.*	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 102. 1943.			
<i>Aechmea distichantha</i> var. <i>glaziovii</i> (Baker) L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 102. 1943.			
<i>Aechmea distichantha</i> var. <i>schlumbergeri</i> E. Morren ex Mez	Fl. bras. 3(3): 343. 1894.	VU (RS 2002)		
<i>Aechmea distichantha</i> var. <i>vernica</i> E. Pereira*	Bradea 2(47): 308. 1979.			
<i>Aechmea echinata</i> (Leme) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 79. 1997.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea emmerichiae</i> Leme	Bradea 4(39): 309. 1987.		Endêmica. RN, PB	CNE
<i>Aechmea entringeri</i> Leme*	Bradea 4(39): 310. 1987.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea eurycorymbus</i> Harms	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 12: 528. 1935.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. PB, PE, AL	CNE
<i>Aechmea farinosa</i> (Regel) L.B.Sm. var. <i>farinosa</i> *	Phytologia 13: 148. 1966.		} BA	CC
<i>Aechmea farinosa</i> var. <i>conglomerata</i> (Baker) L.B.Sm. §	Phytologia 13: 148. 1966.			
<i>Aechmea farinosa</i> var. <i>discolor</i> (Beer) L.B.Sm.	Phytologia 13: 148. 1966.			
<i>Aechmea fasciata</i> (Lindl.) Baker var. <i>fasciata</i>	J. Bot. 17: 231. 1879.		} Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea fasciata</i> var. <i>flavivittata</i> Reitz*	Sellowia 33: 55. 1981.			
<i>Aechmea fasciata</i> var. <i>pruinosa</i> Reitz*	Sellowia 33: 55. 1981.			
<i>Aechmea fasciata</i> var. <i>purpurea</i> (Guillon) Mez	Pflanzenr. 4(32): 18. 1934.			
<i>Aechmea flavorosea</i> E. Pereira	Bradea 2(49): 321. 1979.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea floribunda</i> Mart. ex Schult. & Schult. f.	Syst. veg. 7(2): 1271. 1830.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Aechmea fosteriana</i> L.B.Sm. ssp. <i>fosteriana</i>	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 54. 1941.	EP (Brasil 2005)	} Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea fosteriana</i> ssp. <i>rupicola</i> Leme*	Bradea 4(50): 392. 1987.	EP (ES 2005)		

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Aechmea fraudulosa</i> Mez	Pflanzenreich, Bromeliac. 636. 1935.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea froesii</i> (L.B.Sm.) Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 225. 2006.		Endêmica. PE, AL, BA	CC, CNE
<i>Aechmea fulgens</i> Brongn.	Ann. Sc. Nat. Ser. 2(15): 371. 1841.		Endêmica. PB, PE, AL	CNE
<i>Aechmea gamosepala</i> Wittm. var. <i>gamosepala</i>	Sellowia 14: 101. 1962.		} SP, PR, SC, RS	
<i>Aechmea gamosepala</i> var. <i>nivea</i> Reitz	Bot. Jahrb. Syst. 13(29): 3. 1891.			
<i>Aechmea glandulosa</i> Leme	Harvard Pap. Bot. 4(1): 144. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea gracilis</i> Lindm.	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 24(8): 30. 1891.	VU (Brasil 2005), EP (PR 1995)	Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Aechmea graziellae</i> Martinelli & Leme*	Bradea 4(43): 345. 1987.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea guainumbiorum</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste 207. 2006.		Endêmica. PE	CNE
<i>Aechmea guarapariensis</i> E. Pereira & Leme	Brasil Florestal 59: 40. 1984.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea guaratubensis</i> E. Pereira*	Bradea 1(25): 278. 1972.		Endêmica. PR	CSM
<i>Aechmea gurkeniana</i> E. Pereira & Moutinho	Bradea 3(27): 209. 1981.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea gustavo</i> J.A. Siqueira & Leme	Selbyana 22(2): 147. 2001.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. PE, AL, BA	CC, CNE
<i>Aechmea hostilis</i> E. Pereira	Bradea 1(25): 277. 1972.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea incompta</i> Leme & H. Luther*	Selbyana 19(2): 186. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea kertesziae</i> Reitz var. <i>kertesziae</i>	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 24. 1952.	EP (RS 2002) R (SC 1990)	} PR, SC, RS	CSM
<i>Aechmea kertesziae</i> var. <i>viridiaurata</i> Reitz	Sellowia 33: 55. 1981.			
<i>Aechmea kleinii</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 5: 254. 1954.	EP (SC 1990, Brasil 1992)	Endêmica. SC, RS	
<i>Aechmea lactifera</i> Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 199. 2006.		Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Aechmea laevigata</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 55(1): 13. 2005.		Endêmica. BA	
<i>Aechmea lamarchei</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 370. 1894.		MG, ES	CC, CSM
<i>Aechmea lanata</i> (L.B.Sm.) L.B.Sm. & M.A. Spencer	Phytologia 72: 97. 1992.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea leonard-kentiana</i> H. Luther & Leme	Bromélia 3(3): 10. 1996.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea leppardii</i> Philcox*	Kew Bull. 47(2): 271. 1992.		Endêmica. SC	
<i>Aechmea leptantha</i> (Harms) Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 213. 2006.		PB, PE, AL	CNE
<i>Aechmea leucolepis</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 14. 1955.		Endêmica. BA, ES	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Aechmea linharesiorum</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 145. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea lymanii</i> W. Weber	J. Bromeliad Soc. 34: 202. 1984.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea maasii</i> Gouda & W. Till	Bromélia 4(1): 4. 1997.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Aechmea macrochlamys</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 54. 1941.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea marauensis</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 36: 266. 1986.		Endêmica. PE, AL, BA	CC, CNE
<i>Aechmea marginalis</i> Leme & J.A. Siqueira*	Selbyana 22(2): 149. 2001.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. AL	CNE
<i>Aechmea mertensii</i> (G. Meyer) Schult. & Schult. f.	Syst. veg. 7(2): 1272. 1830.		RR, AM, RO, AC, AP, PA, MA, MT, PB, PE, AL, SE, BA, Extra-Brasil	CC, CNE
<i>Aechmea miniata</i> (Beer) ex Baker var. <i>miniata</i>	Handb. Bromel. 53. 1889.		} BA	CC
<i>Aechmea miniata</i> var. <i>discolor</i> (Beer) Beer	Handb. Bromel. 53. 1889.			
<i>Aechmea mollis</i> L.B.Sm.	Phytologia 20: 178. 1970.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea mulfordii</i> L.B.Sm.	Phytologia 19: 281. 1970		Endêmica. PE, BA	CC, CNE
<i>Aechmea multiflora</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 117: 4.1937.		Endêmica. AL, SE, BA	CC, CNE
<i>Aechmea muricata</i> (Arruda) L.B.Sm.	Phytologia 8: 12. 1961.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Aechmea mutica</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 16. 1955.	VU ( Brasil 2005, ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea nudicaulis</i> (L.) Griseb. var. <i>nudicaulis</i>	Fl. Brit. W. I. 593. 1864.	VU (RS 2002)	} PB, PE, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>aequalis</i> L.B.Sm. & Reitz	Phytologia 8: 506. 1963.			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>aureorosea</i> (Antoine) L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 17. 1955.			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>capitata</i> Reitz	Sellowia 17: 42. 1965.			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>cuspidata</i> Baker	Journ. Bot. London 17: 234. 1879.	VU (RS 2002)		
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>cuspidata</i> f. <i>tabuleirensis</i> (Reitz) Reitz	Fl. Ilustr. Catarin. BROM: 446. 1983			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>flavomarginata</i> E. Pereira*	Bradea 2(7): 31. 1975.			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>nordestina</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 243. 2006.			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>plurifolia</i> E. Pereira	Bradea 1(18): 162. 1972.			
<i>Aechmea nudicaulis</i> var. <i>simulans</i> E. Pereira*	Bradea 2(25): 174. 1977.			
<i>Aechmea organensis</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 116.1880.		Endêmica. MG, RJ, SP, PR	CSM
<i>Aechmea orlandiana</i> L.B.Sm. ssp. <i>orlandiana</i>	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 55. 1941.	CR (ES 2005), EP (Brasil 2005)	} Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea orlandiana</i> ssp. <i>belloi</i> E. Pereira & Leme*	Bradea 4(34): 266. 1986.			

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade		
<i>Aechmea ornata</i> Baker var. <i>ornata</i>	J. Bot. 17: 162. 1879.					
<i>Aechmea ornata</i> var. <i>hoehneana</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126: 17. 1955.		Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM		
<i>Aechmea ornata</i> var. <i>nationalis</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 30. 1952.					
<i>Aechmea paradoxa</i> (Leme) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 81. 1997.		Endêmica. BA	CC		
<i>Aechmea patentissima</i> (Mart. ex Schult. & Schult. f.) Baker	J. Bot. 17: 227. 1879.		Endêmica. PE, AL, BA, ES, RJ	CC, CSM, CNE		
<i>Aechmea pectinata</i> Baker	J. Bot. 17: 227. 1879.	R (SC 1990)	Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM		
<i>Aechmea pedicellata</i> Leme & H. Luther	J. Bromeliad Soc. 38: 150. 1988.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC		
<i>Aechmea perforata</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 55. 1941.		Endêmica. BA, ES	CC		
<i>Aechmea pernambucensis</i> J.A. Siqueira & Leme	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 227. 2006.		Endêmica. CE, PE	CNE		
<i>Aechmea phanerophlebia</i> Baker	Handb. Bromel. 47. 1889.		Endêmica. MG, ES, RJ, SP	CC, CSM		
<i>Aechmea pimenti-velosoi</i> Reitz var. <i>pimenti-velosoi</i>	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 26. 1952.	R (SC 1990, Brasil 1992)	} Endêmica. SC			
<i>Aechmea pimenti-velosoi</i> var. <i>glabra</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 26. 1952.					
<i>Aechmea pineliana</i> (Brong. ex Planch.) Baker var. <i>pineliana</i>	J. Bot. 17: 232. 1879.		} Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM		
<i>Aechmea pineliana</i> var. <i>minuta</i> M.B. Foster	Bromel. Soc. Bull. 11: 96. 1961.					
<i>Aechmea podantha</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126(1): 18. 1955.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC		
<i>Aechmea prava</i> E. Pereira*	Bradea 1(25): 278. 1972.		Endêmica. RJ	CSM		
<i>Aechmea pseudonudicaulis</i> Leme*	Bradea 4(50): 394. 1987.		Endêmica. ES	CC		
<i>Aechmea purpureorosea</i> (Hook.) Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 148. 1880.		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM		
<i>Aechmea racinae</i> L.B.Sm. var. <i>racinae</i>	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 56. 1941.		} Endêmica. ES	CC		
<i>Aechmea racinae</i> var. <i>erecta</i> L.B.Sm.	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 142. 1950.					
<i>Aechmea racinae</i> var. <i>tubiformis</i> E. Pereira	Bradea 1(18): 161. 1972.					
<i>Aechmea ramosa</i> Mart. ex Schult. & Schult. f. var. <i>ramosa</i>	Syst. veg. 7(2): 1272. 1830.		} Endêmica. BA, MG, ES, RJ	CC, CSM		
<i>Aechmea ramosa</i> var. <i>festiva</i> L.B.Sm.	Smithsonia Misc. Collect. 126: 18. 1955.					
<i>Aechmea ramusculosa</i> Leme*	Selbyana 16(1): 111. 1995.		Endêmica. BA	CC		
<i>Aechmea recurvata</i> (Klotzsch) L.B.Sm. var. <i>recurvata</i>	Contr. Gray Herb. 98: 5. 1932.		} PR, SC, RS, Extra-Brasil	CSM		
<i>Aechmea recurvata</i> var. <i>benrathii</i> (Mez) Reitz	Anais Herb. Barb. Rodr. 4: 30. 1952.					
<i>Aechmea recurvata</i> var. <i>ortgiesii</i> (Baker) Reitz	Anais Herb. Barb. Rodr. 4: 29. 1952.	VU (RS 2002)				

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Aechmea roberto-seidelii</i> E. Pereira*	Bradea 1(18): 159. 1972.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea rubrolilacina</i> Leme*	Pabstia 4(1): 3. 1993.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea saxicola</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2: 118. 1950.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Aechmea serragrandensis</i> Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 241. 2006.		Endêmica. AL	CNE
<i>Aechmea sphaerocephala</i> Baker	J. Bot. 17: 162. 1879.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Aechmea squarrosa</i> Baker*	Handb. Bromel. 63. 1889		Endêmica. RJ	CSM
<i>Aechmea sucreana</i> Martinelli & C. Vieira	Novon 15(1): 173. 2005.		Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea sulbahianensis</i> Leme, Amorim & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 392. 2006.		Endêmica. BA, ES	CC
<i>Aechmea tentaculifera</i> Leme, Amorim & J.A. Siqueira*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 391. 2006.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea tomentosa</i> Mez	Monogr. Phan. 9: 229. 1896.		Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Aechmea triangularis</i> L.B.Sm	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 19. 1955.	VU (Brasil 2005, ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea triticina</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 369. 1894.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Aechmea turbinocalyx</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 359. 1894.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea vanhoutteana</i> (Van Houtte) Mez	Fl. bras. 3(3): 366. 1894.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ, SP	CC, CSM
<i>Aechmea victoriana</i> L.B.Sm. var. <i>victoriana</i> *	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 57. 1941.		} Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea victoriana</i> var. <i>discolor</i> M.B. Foster	Bromel. Soc. Bull. 5: 29. 1955.			
<i>Aechmea viridostigma</i> Leme & H. Luther*	J. Bromeliad Soc. 53(1): 7. 2003.		Endêmica. BA	
<i>Aechmea warasii</i> E. Pereira var. <i>warasii</i> *	Bradea 1(18): 160. 1972.		} Endêmica. ES	CC
<i>Aechmea warasii</i> var. <i>discolor</i> E. Pereira*	Bradea 2(47): 308. 1979.			
<i>Aechmea warasii</i> var. <i>intermedia</i> (E. Pereira) E. Pereira & Leme	J. Bromeliad Soc. 35: 66. 1985.			
<i>Aechmea weberi</i> (E. Pereira & Leme) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 80. 1997.		Endêmica. BA	CC
<i>Aechmea weilbachii</i> Didrich. var. <i>weilbachii</i>	Ann. Sc. Nat. Ser. 4(2): 375. 1854.		} Endêmica. RJ, ES	CSM
<i>Aechmea weilbachii</i> var. <i>albipetala</i> Leme & A. Costa	Bromélia 1(4): 23. 1994.			
<i>Aechmea weilbachii</i> var. <i>weilbachii</i> f. <i>leodiensis</i> (André) E. Pereira & Leme	J. Bromeliad Soc. 37: 123.1987.			
<i>Aechmea weilbachii</i> var. <i>weilbachii</i> f. <i>pendula</i> Reitz	Sellowia 26: 33. 1975.			
<i>Aechmea weilbachii</i> var. <i>weilbachii</i> f. <i>viridisepala</i> E. Pereira & Leme	J. Bromeliad Soc. 37: 124.1987.			

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Aechmea werdermannii</i> Harms	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 12: 529. 1935.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Aechmea winkleri</i> Reitz	Sellowia 26: 63. 1975.	VU (Brasil 2005), EP (RS 2002)	Endêmica. RS	
<i>Aechmea wittmackiana</i> (Regel) Mez	Fl. bras. 3(3): 340. 1894.		Endêmica. SP	CSM
<i>Alcantarea benzingii</i> Leme*	Bromélia 2(3): 19. 1995.	CR (Brasil 2005), VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Alcantarea brasiliana</i> (L.B.Sm.) J.R. Grant	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 12. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea burle-marxii</i> (Leme) J.R. Grant	Bromélia 2(3): 26. 1995.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Alcantarea edmundoi</i> (Leme) J.R. Grant	Bromélia 2(3): 26. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea extensa</i> (L.B.Sm.) J.R. Grant	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 13. 1995		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Alcantarea farneyi</i> (Martinelli & A. Costa) J.R. Grant	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 13. 1995.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea geniculata</i> (Wawra) J.R. Grant	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 13. 1995.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea glaziouana</i> (Leme) Leme	Bromélia 4(2): 35. 1997.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea heloisae</i> J.R. Grant	Vidalia 1(1): 31. 2003.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea imperialis</i> (Carrière) Harms	Nat. Pflanzenfam. 2 15a. 126. 1930.	EP (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Alcantarea nahoumii</i> (Leme) J.R. Grant § *	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 13. 1995.	VU (Brasil 2005)	BA	CC
<i>Alcantarea nevaesii</i> Leme	Bromélia 2(3): 15. 1995.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea odorata</i> (Leme) J.R. Grant	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 13. 1995.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Alcantarea regina</i> (Vell.) Harms	Nat. Pflanzenfam. 2 15a. 126. 1930.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Alcantarea roberto-kautskyi</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 148. 1999.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Alcantarea vinicolor</i> (E. Pereira & Reitz) J.R. Grant	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 91: 14. 1995.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Sm.	Bot. Mus. Leafl. 7: 79. 1939.		AM, AP, TO, RO, PA, CE, PB, PR, Centro-Oeste, Sudeste, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Ananas bracteatus</i> (Lindl.) Schult. & Schult. f. var. <i>bracteatus</i>	Syst. veg. 7(2): 1286. 1830.		] PE, AL, MG, RJ, ES, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CSM, CNE
<i>Ananas bracteatus</i> var. <i>tricolor</i> (Bertoni) L.B.Sm. §	Bot. Mus. Leafl. 7: 76. 1939.			
<i>Ananas fritzmulleri</i> Camargo	Bol. Tecn. Inst. Agron. 1: 16. 1943.	R (SC 1990), EP (RS 2002)	Endêmica. SP, PR, SC	CSM
<i>Andrea selloana</i> (Baker) Mez	Monogr. Phan. 9: 115. 1896.	VU (Brasil 2005) CR (MG 2006)	Endêmica. MG	

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Araeococcus chlorocarpus</i> (Wawra) Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 251. 2006.		Endêmica. PE, AL, BA	CC, CNE
<i>Araeococcus montanus</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 142. 1999.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Araeococcus nigropurpureus</i> Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 399. 2006.		Endêmica. BA	CC
<i>Araeococcus parviflorus</i> (Mart. ex Schult. & Schult. f.) Lindm.	Kongl. Svensk. Akad. Handl. 248: 12. 1891.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Araeococcus sessiliflorus</i> Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 395. 2006.		Endêmica. BA	CC
<i>Billbergia alfonsijoannis</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 31. 1952.	EP (SC 1990, Brasil 1992)	Endêmica. MG, ES, PR, SC	CC, CSM
<i>Billbergia amoena</i> (Lodd.) Lindl. var. <i>amoena</i>	Bot. Reg. 13: t. 1068. 1827.		} BA, ES, MG, GO, RJ, SP, PR, SC	} CC, CSM
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>carnea</i> E. Pereira	Bradea 2(7): 32. 1975.			
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>flavescens</i> Reitz*	Fl. Ilustr. Catarin. BROM: 495. 1983			
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>minor</i> (Antoine & Beer) L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 104. 1943.			
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>robertiana</i> E. Pereira & Leme	Brasil Florestal 59: 41. 1984.			
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>stolonifera</i> E. Pereira & Moutinho	Bradea 3(27): 214. 1981.			
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>stolonifera</i> f. <i>viridiflora</i> E. Pereira & Moutinho*	Bradea 3(27): 214. 1981.			
<i>Billbergia amoena</i> var. <i>viridis</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126: 20. 1955.			
<i>Billbergia bradeana</i> L.B.Sm.	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 143. 1951.		Endêmica. ES	CC
<i>Billbergia brasiliensis</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 105. 1943.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Billbergia castelensis</i> E. Pereira*	Bradea 1(39): 384. 1974.		Endêmica. ES	CC
<i>Billbergia chlorantha</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 154: 32. 1945.		Endêmica. ES	CC
<i>Billbergia cylindrostachya</i> Mez <sup>§</sup> *	Fl. bras. 3(3): 395. 1894.		desconhecida	
<i>Billbergia distachia</i> (Vell.) Mez var. <i>distachia</i>	Fl. bras. 3(3): 417. 1894.	EP (RS 2002)	} MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	} CC, CSM
<i>Billbergia distachia</i> var. <i>concolor</i> Reitz	Anais Herb. Barb. Rodr. 4: 33. 1952.	EP (RS 2002)		
<i>Billbergia distachia</i> var. <i>maculata</i> Reitz	Anais Herb. Barb. Rodr. 4: 33. 1952.			
<i>Billbergia distachia</i> var. <i>straussiana</i> (Wittm.) L.B.Sm.	Anais Herb. Barb. Rodr. 2: 13. 1950.	EP (RS 2002)		
<i>Billbergia elegans</i> Mart. ex Schult. & Schult. f.	Syst. veg. 7(2): 1265. 1830.		MG	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Billbergia euphemiae</i> E. Morren var. <i>euphemiae</i> <i>Billbergia euphemiae</i> var. <i>nudiflora</i> L.B.Sm. <i>Billbergia euphemiae</i> var. <i>purpurea</i> M.B. Foster <i>Billbergia euphemiae</i> var. <i>saundersioides</i> L.B.Sm.	Belg. Hort. 22: 1. 1872. Smithsonian Misc. Collect. 126: 20. 1955. Bromel. Soc. Bull. 7: 40. 1957. Smithsonian Misc. Collect. 126: 21. 1955.		} BA, MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Billbergia horrida</i> Regel var. <i>horrida</i> <i>Billbergia horrida</i> var. <i>tigrina</i> Baker	Ind. Sem. Hort. Petrop. 17. 1857. Handb. Bromel. 73. 1889.		} Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Billbergia iridifolia</i> (Nees & Mart.) Lindl. var. <i>iridifolia</i> <i>Billbergia iridifolia</i> var. <i>concolor</i> L.B.Sm.	Bot. Reg. 13: t. 1068. 1827. Smithsonian Misc. Collect. 126: 21. 1955.		} BA, MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Billbergia kautskyana</i> E. Pereira <i>Billbergia laxiflora</i> L.B.Sm. <i>Billbergia leptopoda</i> L.B.Sm. <i>Billbergia lietzei</i> E. Morren	Bradea 2(40): 275. 1978. Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 145. 1951. Contr. Gray Herb. 154: 33. 1945. Belg. Hort. 31: 97. 1881.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES Endêmica. ES Endêmica. BA, MG, ES Endêmica. ES	CC CC CC CC
<i>Billbergia lymanii</i> E. Pereira & Leme var. <i>lymanii</i> <i>Billbergia lymanii</i> var. <i>angustifolia</i> E. Pereira & Leme*	Bradea 4: 72. 1984. Bradea 4( 18 ): 130. 1985.	VU (ES 2005)	} Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Billbergia macracantha</i> E. Pereira* <i>Billbergia macrocalyx</i> Hook. <i>Billbergia magnifica</i> Mez <i>Billbergia meyeri</i> Mez	Sellowia 26: 79. 1975. Bot. Mag. 85: t. 5114. 1859. Bull. Herb. Boissier ser. 2, 3: 133. 1903. Bot. Jahrb. Syst. 30: 148. 1901	EP (PR 1995)	Endêmica. RJ Endêmica. BA PR, Extra-Brasil RO, MT, MG, SP, Extra-Brasil	CSM CSM CSM CSM
<i>Billbergia minarum</i> L.B.Sm. var. <i>minarum</i> <i>Billbergia minarum</i> var. <i>viridiflora</i> E. Pereira & Leme	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 22. 1955. Bradea 4(18): 130. 1985.	VU (ES 2005)	} MG, ES	CC, CSM
<i>Billbergia morelii</i> Brong.	Portef. Hort. 2: 97. 1848.		Endêmica. PE, AL, SE, BA, ES, RJ, SP	CC, CSM, CNE
<i>Billbergia nana</i> E. Pereira	Bradea 1(29): 316. 1973.		Endêmica. BA, ES	CC
<i>Billbergia nutans</i> H. Wendl. ex Regel var. <i>nutans</i> <i>Billbergia nutans</i> var. <i>schimperiana</i> (Wittm.) Baker	Gartenflora 18: 162. 1869. Monogr. Phan. 9: 328. 1896.	EP (SC 1990), VU (RS 2002)	} SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CSM
<i>Billbergia pohliana</i> Mez <i>Billbergia porteana</i> Brong. ex Beer	Fl. bras. 3(3): 403. 1894. Fam. Bromel. 115. 1856.		Endêmica. MG PI, CE, PE, BA, ES, MG, DF, SP, Extra-Brasil	CSM CC, CSM, CNE

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Billbergia pyramidalis</i> (Sims) Lindl. var. <i>pyramidalis</i> <i>Billbergia pyramidalis</i> var. <i>concolor</i> L.B.Sm. <i>Billbergia pyramidalis</i> var. <i>lutea</i> Leme & W. Weber	Bot. Reg. 13: t. 1068. 1827. Bromel. Soc. Bull. 4: 6. 1954. J. Bromeliad Soc. 34: 79.1984.		BA, MG, ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Billbergia reichardtii</i> Wawra <i>Billbergia sanderiana</i> E. Morren <i>Billbergia saundersii</i> Bull <i>Billbergia seidelii</i> L.B.Sm. & Reitz	Oesterr. Bot. Z. 30: 115. 1880. Belg. Hort. 34: 17. 1884. Gard. Chron. 1: 78. 1874. Phytologia 10: 485. 1964.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, ES Endêmica. MG, ES, RJ, SP Endêmica. BA, MG, RJ Endêmica. ES, RJ	CC, CSM CC, CSM CC CCC, CSM
<i>Billbergia tweediana</i> Baker var. <i>tweediana</i> <i>Billbergia tweediana</i> var. <i>latisejala</i> L.B.Sm.	Handb. Bromel. 74. 1889. Smithsonian Misc. Collect. 126: 22. 1955.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ, ES	CC, CSM
<i>Billbergia vittata</i> Brong. <i>Billbergia zebrina</i> (Herb.) Lindl.	Portef. Hort. 2: 353. 1848. Bot. Reg. 13: t. 1068. 1827.	VU (RS 2002)	MG, ES, RJ MG, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM CSM
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Virid. Bonom. 4. 1824.		BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM
<i>Bromelia balansae</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 191. 1894.	VU (RS 2002)	AM, PA, MT, GO, DF, MG, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	
<i>Bromelia binotii</i> E. Morren ex Mez <i>Bromelia karatas</i> L.	Fl. bras. 3(3): 192. 1894. Sp. Pl. (ed. 2) 1: 285. 1753.		Endêmica. ES MA, CE, PB, PE, BA, GO, Extra-Brasil	CC CC, CNE
<i>Bromelia lagopus</i> Mez <i>Bromelia regnellii</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 188. 1894. Fl. bras. 3(3): 194. 1894.		BA, TO, GO, PI BA, MG, GO	CC CC
<i>Canistropsis albiflora</i> (L.B.Sm.) H. Luther & Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 31. 1998.	VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES	CC
<i>Canistropsis billbergioides</i> (Schult. & Schult. f.) Leme f. <i>billbergioides</i> <i>Canistropsis billbergioides</i> f. <i>azurea</i> (E. Pereira & Leme) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 45. 1998. <i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 50. 1998.		Endêmica. BA, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Canistropsis burchellii</i> (Baker) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 26. 1998		Endêmica. SP	CSM
<i>Canistropsis correia-araujoii</i> (E. Pereira & Leme) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 32. 1998.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Canistropsis elata</i> (E. Pereira & Leme) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 51. 1998.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Canistropsis exigua</i> (E. Pereira & Leme) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mat Atlântica. 53. 1998.		Endêmica. SP	CSM
<i>Canistropsis marceloi</i> (E. Pereira & Moutinho) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 24. 1998.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Canistropsis microps</i> (E. Morren ex Mez) Leme f. <i>microps</i>	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 35. 1998.	R (SC 1990)	} Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Canistropsis microps</i> f. <i>bicensis</i> (Ule) Leme*	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 40. 1998.			
<i>Canistropsis microps</i> f. <i>pallida</i> (L.B. Sm.) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 39. 1998.			
<i>Canistropsis pulcherrima</i> (E. Pereira) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 40. 1998.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Canistropsis seidelii</i> (L.B.Sm. & Reitz) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 42. 1998.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Canistropsis simulans</i> (E. Pereira & Leme) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 29. 1998.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Canistrum alagoanum</i> Leme & J.A. Siqueira	J. Bromeliad Soc. 52(3): 112. 2002.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. AL	CNE
<i>Canistrum aurantiacum</i> E. Morren	Belg. Hortic. 23: 257. 1873.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Canistrum auratum</i> Leme	Pabstia 4(3): 2. 1993.		Endêmica. BA, MG	CC
<i>Canistrum camacaense</i> Martinelli & Leme	Bradea 4(33): 256. 1986.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum fosterianum</i> L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2: 195. 1952.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum guzmanioides</i> Leme	Bradea 8(21): 116. 1999.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum improcerum</i> Leme & J.A. Siqueira*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 269. 2006.		Endêmica. AL	CNE
<i>Canistrum lanigerum</i> H. Luther & Leme*	Bromélia 5(1-4): 19. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum montanum</i> Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 33. 1997.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum pickelii</i> (A. Lima & L.B.Sm.) Leme & J.A. Siqueira	J. Bromeliad Soc. 52(3): 107. 2002.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Canistrum sandrae</i> Leme*	Bradea 8(21): 117. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum seidelianum</i> W. Weber	Feddes Repert. 97: 117. 1986.		Endêmica. BA	CC
<i>Canistrum triangulare</i> L.B.Sm. & Reitz	Phytologia 9(4): 256. 1963.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Catopsis berteroniana</i> (Schult. & Schult. f.) Mez	Monogr. Phan. 9: 621. 1896.		PE, AL, SE, BA, SP, PR, SC, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Catopsis sessiliflora</i> (Ruiz & Pav.) Mez	Monogr. Phan. 9: 625. 1896.		AM, PA, CE, PE, AL, BA, ES, SP, PR, SC, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Cryptanthus acaulis</i> (Lindl.) Beer var. <i>acaulis</i>	Fam. Bromel. 75. 1856.		} Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Cryptanthus acaulis</i> var. <i>ruber</i> Beer <sup>§</sup> *	Fam. Bromel. 76. 1856.			
<i>Cryptanthus alagoanus</i> Leme & J.A. Siqueira	Selbyana 22(2): 151. 2001.		Endêmica. PB, PE, AL	CNE
<i>Cryptanthus beuckeri</i> E. Morren	Belg. Hort. 30: 241. 1880.	VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES	CC
<i>Cryptanthus bibarrensis</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 17(3): 86. 2002.		Endêmica. BA	
<i>Cryptanthus bivittatus</i> (Hook.) Regel var. <i>bivittatus</i> <sup>§</sup> *	Gartenflora 14: 2. 1865.		} PE	
<i>Cryptanthus bivittatus</i> var. <i>atropurpureus</i> Mez <sup>§</sup> *	Pflanzenr. 4(32): 18. 1934.			
<i>Cryptanthus bromelioides</i> Otto & Dietrich	Allg. Gartenz. 4: 298. 1836.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Cryptanthus burle-marxii</i> Leme	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 5(1): 12. 1990.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. PE	CNE
<i>Cryptanthus capitatus</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 9(4): 6-9. 1994.	EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus caracensis</i> Leme & E. Gross	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 7(4): 12. 1992.	VU (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Cryptanthus caulescens</i> I. Ramírez	Harvard Pap. Bot. 3: 216. 1998.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus colnagoi</i> Rauh & Leme <sup>§</sup> *	J. Bromeliad Soc. 39(6): 258. 1989.		BA	
<i>Cryptanthus coriaceus</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 6(1): 14. 1991.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus correia-araujo</i> Leme*	Bromélia 2(3): 7. 1995.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus delicatus</i> Leme*	Selbyana 16(1): 115. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Cryptanthus diana</i> Leme	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 5(2): 10. 1990.		Endêmica. PB, PE, AL	CNE
<i>Cryptanthus dorothyae</i> Leme	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 11(1): 6. 1996.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Cryptanthus exaltatus</i> H. Luther	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 5(4): 16. 1990.	EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus felixii</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 285. 2006.		Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Cryptanthus fernseoides</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 11(3): 9. 1996.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus fosterianus</i> L.B.Sm.	Bull. Bromeliad Soc. 2: 63. 1952.	EXN (Brasil 2005)	Endêmica. PE	CNE
<i>Cryptanthus glazioui</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 202. 1894.	VU (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Cryptanthus grazielae</i> H. Luther*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 13(2-4): 12. 1998.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus incrassatus</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2: 119. 1950.		Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus latifolius</i> Leme	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 6(2): 14. 1991.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus leuzingeriae</i> Leme*	Bradea 8(21): 115. 1999.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus lutherianus</i> I. Ramírez*	Harvard Pap. Bot. 3: 218. 1998.	EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Cryptanthus lyman-smithii</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 135. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Cryptanthus marginatus</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 24. 1955.		Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus maritimus</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 106. 1943.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus microglazioui</i> I. Ramírez*	Harvard Pap. Bot. 3: 219. 1998.		Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus minarum</i> L.B.Sm. *	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 24. 1955.		Endêmica. MG	
<i>Cryptanthus odoratissimus</i> Leme	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 7(2): 10. 1992.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus osiris</i> W. Weber <sup>§</sup> *	Feddes Repert. 93: 337. 1982.		Desconhecida	
<i>Cryptanthus pickelii</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 25. 1955.		Endêmica. PE	CNE
<i>Cryptanthus praetextus</i> E. Morren ex Baker	Handb. Bromel. 16. 1889.		Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus pseudoglazioui</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 6(4): 10.1991.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus pseudopetiolaris</i> Philcox	Kew Bull. 47(2): 265. 1992.		Endêmica. BA	CC
<i>Cryptanthus pseudoscaposus</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 25. 1955.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus reisii</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 17(3): 87. 2002.		Endêmica. BA	
<i>Cryptanthus reptans</i> Leme & J.A. Siqueira*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 287. 2006.		Endêmica. PE	CNE
<i>Cryptanthus roberto-kautskyi</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 6(3): 12. 1991.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus ruthae</i> Philcox	Kew Bull. 47(2): 268. 1992.		Endêmica. BA	CC
<i>Cryptanthus scaposus</i> E. Pereira	Bradea 2(36): 251. 1978.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus schwackeanus</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 203. 1894.	VU (MG 2006)	MG	CSM
<i>Cryptanthus seidelianus</i> W. Weber*	Feddes Repert. 97: 119. 1986.		Endêmica. BA	
<i>Cryptanthus sergipensis</i> I. Ramírez	Harvard Pap. Bot. 3: 219. 1998.		Endêmica. SE	
<i>Cryptanthus sinuosus</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 26. 1955.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Cryptanthus teretifolius</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 17(1): 15. 2002.		Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus ubairensis</i> I. Ramírez*	Harvard Pap. Bot. 3: 221. 1998.		Endêmica. BA	CC
<i>Cryptanthus vexatus</i> Leme	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 10(4): 9.1995.		Endêmica. BA	CC
<i>Cryptanthus whitmanii</i> Leme*	<i>Cryptanthus</i> Soc. J. 9(2): 14. 1994.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Cryptanthus zonatus</i> (Visiani) Beer	Fam. Bromel. 76. 1856.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. PE	CNE
<i>Dyckia agudensis</i> Irgang & Sobral <sup>§</sup> *	Napaea 3: 5-7. 1987.	VU (Brasil 2005)	RS	
<i>Dyckia argentea</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 492. 1894.		MG	
<i>Dyckia bracteata</i> (Wittm.) Mez	Fl. bras. 3(3): 470. 1894.		MG, ES	CC
<i>Dyckia brevifolia</i> Baker	Refug. Bot.4: t. 236. 1871.	EP (PR 1995)	Endêmica. PR, SC	
<i>Dyckia cabrae</i> L.B.Sm. & Reitz	Sellowia 14: 101. 1962.	EP (SC 1990, Brasil 1992, 2005)	Endêmica. PR, SC	
<i>Dyckia choristaminea</i> Mez <sup>§</sup>	Repert. Sp. Nov. 16: 71. 1919.	EP (Brasil 2005)	RS	
<i>Dyckia cinerea</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 469. 1894.		Endêmica. MG, ES	

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Dyckia commixta</i> Hassler	Annuaire Conserv. Jard. Bot. Genève 20: 305. 1919.	EP (PR 1995)	PR, Extra-Brasil	
<i>Dyckia consimilis</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 479. 1894.		MG	
<i>Dyckia crocea</i> L.B.Sm. §	Phytologia 19: 282. 1970.		PR	
<i>Dyckia delicata</i> Larocca & Sobral §*	Novon 12(2): 234. 2002.	VU (Brasil 2005)	RS	
<i>Dyckia densiflora</i> Schult. & Schult. f.	Syst. veg. 7(2): 1194. 1830.		MG	
<i>Dyckia distachya</i> Hassler	Annuaire Conserv. Jard. Bot. Genève 20: 308. 1919.	CR (Brasil 2005), EP (Brasil 1992), EP (RS 2002) EP (SC 1990)	SC, RS, Extra-Brasil	
<i>Dyckia dusenii</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 98: 6. 1932.	R (SC 1990), VU (PR 1995)	PR, SC	
<i>Dyckia encholirioides</i> (Gaudich.) Mez var. <i>encholirioides</i> <i>Dyckia encholirioides</i> var. <i>rubra</i> (Wittm.) Reitz	Monogr. Phan. 9: 507. 1896. Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 3: 108. 1951.		} Endêmica. SP, PR, SC, RS	CSM
<i>Dyckia fosteriana</i> L.B.Sm. var. <i>fosteriana</i> <i>Dyckia fosteriana</i> var. <i>robustior</i> L.B.Sm. *	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 107. 1943. Phytologia 19: 283. 1970.	R (PR 1995)	} PR	
<i>Dyckia frigida</i> Hook. f. <i>Dyckia hatschbachii</i> L.B.Sm. *	Bot. Mag. 103: t. 6294. 1877. Phytologia 14: 480. 1967.	EP (SC 1990, Brasil 1992, PR 1995), VU (Brasil 2005)	PR Endêmica. PR	CSM
<i>Dyckia ibiramensis</i> Reitz	Sellowia 14: 104. 1962.	EP (SC 1990, Brasil 1992), CR (Brasil 2005) VU (Brasil 2005)	Endêmica. SC	
<i>Dyckia irmgardiae</i> L.B.Sm. §	Phytologia 13: 150. 1966.	VU (Brasil 2005)	RS	
<i>Dyckia leptostachya</i> Baker	Gard. Chron. 2: 198. 1884.		PR, SC, RS, Extra-Brasil	
<i>Dyckia maritima</i> Baker	Handb. Bromel. 136. 1889.	VU (RS 2002)	Endêmica. SC, RS	
<i>Dyckia martinellii</i> B.R. Silva & Forzza	Novon 14(2): 168. 2004.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Dyckia microcalyx</i> Baker var. <i>microcalyx</i> <i>Dyckia microcalyx</i> var. <i>ostenii</i> L.B.Sm.	Handb. Bromel. 133. 1889. Contr. Gray Herb. 104: 73. 1934.		} MS, PR, Extra-Brasil	
<i>Dyckia minarum</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 483. 1894.		MG, GO, SP	CC
<i>Dyckia monticola</i> L.B.Sm. & Reitz	Sellowia 14: 104. 1962.	R (SC 1990)	Endêmica. SC	
<i>Dyckia pernambucana</i> L.B.Sm.	Phytologia 20: 179. 1970		PE	
<i>Dyckia pseudococcinea</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 108. 1943.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Dyckia reitzii</i> L.B.Sm.	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 2(2): 14. 1950.	R (SC 1990), VU (RS 2002)	Endêmica. PR, SC	CSM
<i>Dyckia remotiflora</i> Otto & Dietrich var. <i>remotiflora</i>		VU (RS 2002)	} PR, SC, RS, Extra-Brasil	CSM
<i>Dyckia remotiflora</i> var. <i>angustior</i> L.B.Sm.*	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 108. 1943.			
<i>Dyckia remotiflora</i> var. <i>montevidensis</i> (K. Koch) L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 108. 1943.	VU (RS 2002)		
<i>Dyckia saxatilis</i> Mez	Monogr. Phan., 9: 518. 1896.		MG	CSM
<i>Dyckia schwackeana</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 478. 1894.		MG	
<i>Dyckia selloa</i> (K. Koch) Baker	Handb. Bromel. 136. 1889.		Endêmica. PR, RS	
<i>Dyckia trichostachya</i> Baker	Handb. Bromel. 133. 1889.		MG, ES	CC
<i>Dyckia tuberosa</i> (Vell.) Beer	Bromel. 157. 1856.	EP (RS 2002)	MG, SP, PR, SC, RS	CSM
<i>Edmundoa ambigua</i> (Wand. & Leme) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 42. 1997.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Edmundoa lindenii</i> (Regel) Leme var. <i>lindenii</i>	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 46. 1997.	EP (RS 1990)	} Endêmica. MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM
<i>Edmundoa lindenii</i> var. <i>rosea</i> (E. Morren) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 50. 1997.	VU (MG 2006)		
<i>Edmundoa perplexa</i> (L.B.Sm.) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 54. 1997.		Endêmica. SP	CSM
<i>Encholirium gracile</i> L.B.Sm.	Phytologia 16: 69. 1968.	EP (Brasil 2005, ES 2005, MG 2006)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Encholirium horridum</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 129: 32. 1940.	EP (Brasil 2005, ES 2005, MG 2006)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Encholirium pernambucanum</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Bradea 5(27): 302. 1989.		PE	
<i>Fernseea bocainensis</i> E. Pereira & Moutinho	Bradea 3(38): 344. 1983.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Fernseea itatiaiae</i> (Wawra) Baker	Handb. Bromel. 20. 1889.	EP (Brasil 2005, MG 2006), R (Brasil 1992)	Endêmica. MG, RJ, SP	CSM
<i>Guzmania lingulata</i> (L.) Mez var. <i>lingulata</i>	Monogr. Phan. 9: 899. 1896.		Região amazônica, CE, PE, AL, BA, Extra-Brasil	CC, CNE
<i>Guzmania lingulata</i> var. <i>minor</i> (Mez) L.B.Sm. & Pitten.	Phytologia 7: 105. 1960.			
<i>Guzmania monostachia</i> (L.) Rusby ex Mez var. <i>monostachia</i>	Monogr. Phan. 9: 905. 1896.	EP (Brasil 2005)	CE e PE, Extra-Brasil	
<i>Guzmania sanguinea</i> (André) André ex Mez var. <i>sanguinea</i>	Monogr. Phan. 9: 901. 1896.	EP (Brasil 2005)	CE, Extra-Brasil	

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Hohenbergia augusta</i> (Vell.) E. Morren	Fl. bras. 3(3): 270. 1894.		Endêmica. ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Hohenbergia belemii</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Phytologia 33(7): 438. 1976.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia blanchetii</i> (Baker) E. Morren ex Mez	Fl. bras. 3(3): 267. 1894.		Endêmica. PE, BA, ES	CC, CNE
<i>Hohenbergia brachycephala</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 129: 32. 1940.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia burle-marxii</i> Leme & W. Till*	Bromélia 3(1): 28. 1996.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia castellanosii</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Phytologia 33(7): 437. 1976.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia catingae</i> Ule var. <i>catinae</i>	Bot. Jahrb. 42: 195. 1908.		RN, PB, PE, AL, SE, BA, MG	CNE
<i>Hohenbergia conquistensis</i> Leme <sup>§</sup> *	J. Bromeliad Soc. 53(4): 169. 2003.		BA	CC
<i>Hohenbergia correia-araujoi</i> E. Pereira & Moutinho	Bradea 3(120): 88. 1980.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia flava</i> Leme & C.C. Paula*	Vidalia 2(1): 22. 2004.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia hatschbachii</i> Leme	Harvard Pap. Bot. 4(1): 141. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia horrida</i> Harms	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 12: 525. 1935.		Endêmica. PE	
<i>Hohenbergia itamarajuensis</i> Leme & Baracho*	Bromélia 5(1-4): 78. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia lanata</i> E. Pereira & Moutinho	Bradea 3: 88. 1980.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia lemei</i> H. Luther & K. Norton*	Vidalia 2(2): 37. 2004.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia littoralis</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 129: 33. 1940.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia minor</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 129: 34. 1940.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia pabstii</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Phytologia 33(7): 439. 1976.		Endêmica. BA, MG	CC
<i>Hohenbergia ramageana</i> Mez	Monogr. Phan. 9: 127. 1896.		Endêmica. RN, PB, PE, AL, BA, MG, SP	CC, CSM, CNE
<i>Hohenbergia ridleyi</i> (Baker) Mez	Fl. bras. 3(3): 266. 1894.		Endêmica. PB, PE, SE	CNE
<i>Hohenbergia rosea</i> L.B.Sm. & R.W. Read <sup>§</sup>	Phytologia 33(7): 435. 1976.		BA	CC
<i>Hohenbergia salzmännii</i> (Baker) E. Morren ex Mez	Handb. Bromel. 49. 1889.		Endêmica. BA	CC
<i>Hohenbergia stellata</i> Schult. & Schult. f.	Syst. veg. 7(2). 1251. 1830.		PI, AL, BA, Extra-Brasil	CC, CNE
<i>Hohenbergia utriculosa</i> Ule	Bot. Jahrb. 42: 196. 1908.		BA	CC
<i>Lymania alvimii</i> (L.B.Sm. & R.W. Read) R.W. Read	J. Bromeliad Soc. 34: 213. 1984.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Lymania azurea</i> Leme	Bradea 4: 394. 1987.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Lymania corallina</i> (Brong. ex Beer) R.W. Read	J. Bromeliad Soc. 34: 213. 1984.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Lymania globosa</i> Leme	Bradea 4(50): 395. 1987.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Lymania languida</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 56(1): 42. 2006.		Endêmica. BA	CC
<i>Lymania marantoides</i> (L.B.Sm.) R.W. Read	J. Bromeliad Soc. 34: 213. 1984.		Endêmica. BA	CC
<i>Lymania smithii</i> R.W. Read	J. Bromeliad Soc. 34: 213. 1984.		Endêmica. PE, AL, BA	CC, CNE
<i>Lymania spiculata</i> Leme & Forzza	J. Bromeliad Soc. 51(5): 195. 2001.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Neoregelia abendrothae</i> L.B.Sm.	Bull. Bromeliad Soc. 10: 24. 1960.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia ampullacea</i> (E. Morren) L.B.Sm	Contr. Gray Herb. 104: 78. 1934.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia angustibracteolata</i> E. Pereira & Leme*	Bradea 4(34): 269 .1986.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia angustifolia</i> E. Pereira	Bradea 2(7): 27. 1975.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia atroviridifolia</i> W. Weber <sup>§</sup> *	Feddes Repert. 93: 339. 1982.		Desconhecida	
<i>Neoregelia azevedoi</i> Leme*	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 80. 1998.		Endêmica. BA	CC
<i>Neoregelia binotii</i> (Antoine) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 114: 5. 1936.	EXN (Brasil 2005)	Endêmica. SP	CSM
<i>Neoregelia bragarum</i> (E. Pereira & L.B.Sm.) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 78. 1998.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia brevifolia</i> L.B.Sm. & Reitz	Phytologia 15: 188. 1967.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia brigadeirensis</i> Paula & Leme*	Pabstia 8(1): 2. 1997.	CR (MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Neoregelia brownii</i> Leme*	Pabstia 8(1): 3. 1997.	CR (MG 2006), VU (Brasil 2005)	Endêmica. MG	
<i>Neoregelia burle-marxii</i> R.W. Read ssp. <i>burle-marxii</i> *	J. Bromeliad Soc. 46(6): 261. 1996.	VU (Brasil 2005)	} Endêmica. SP	
<i>Neoregelia burle-marxii</i> ssp. <i>meeana</i> R.W. Read*	J. Bromeliad Soc. 46(6): 263. 1996.			
<i>Neoregelia camorimiana</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bol. Mus. Bot. Mun. Curitiba 62: 2. 1985.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia capixaba</i> E. Pereira & Leme*	Bradea 4(18): 129. 1985.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia carcharodon</i> (Baker) L.B.Sm. var. <i>carcharodon</i>	Contr. Gray Herb. 106: 152. 1935.		} Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia carcharodon</i> var. <i>atroviolacea</i> Reitz	Sellowia 26: 38. 1975.			
<i>Neoregelia carinata</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 138. 1999.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia carolinae</i> (Beer) L.B.Sm. f. <i>carolinae</i>	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia chlorosticta</i> (Baker) L.B.Sm.	Phytologia 10(6): 486. 1964.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ, SP, PR	CSM
<i>Neoregelia coimbrae</i> E. Pereira & Leme	Ver. Bras. Biol. 45(4): 631. 1986.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia compacta</i> (Mez) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia concentrica</i> (Vell.) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 104: 78. 1934.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia coriacea</i> (Antoine) L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 27. 1955.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia correia-araujo</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 4(1): 2. 1983.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia crispata</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 46(1): 22. 1996.		Endêmica. BA	CC
<i>Neoregelia cruenta</i> (R. Graham) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA, ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Neoregelia cyanea</i> (Beer) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.		Endêmica. MG	
<i>Neoregelia diversifolia</i> E. Pereira	Bradea 2(7): 29. 1975.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia doeringiana</i> L.B.Sm.	Phytologia 7: 176. 1960.		Endêmica. SP, PR	CSM
<i>Neoregelia dungsiana</i> E. Pereira	Bradea 1(25): 276. 1972.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia eltoniana</i> W. Weber	Feddes Repert. 94: 597. 1983.		Endêmica. RJ	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Neoregelia farinosa</i> (Ule) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia fluminensis</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 27. 1955.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia fosteriana</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2: 120. 1950.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia gavionensis</i> Martinelli & Leme*	J. Bromeliad Soc. 36(2): 71. 1986.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia gigas</i> Leme & L. Kollmann*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 403. 2006.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia guttata</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 53(2): 59. 2003.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia hoehneana</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 28. 1955.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Neoregelia ibitipocensis</i> (Leme) Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 67. 1998.	CR (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Neoregelia indecora</i> (Mez) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia inexpectata</i> Leme*	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 75. 1998.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia johannis</i> (Carrière) L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 28. 1955.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Neoregelia kautskyi</i> E. Pereira	Bradea 1(11): 82. 1971.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia kerryi</i> Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 82. 1998.		Endêmica. BA	CC
<i>Neoregelia kuhlmannii</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 28. 1955.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia lactea</i> H. Luther & Leme	Bromélia 2(2): 8. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia laevis</i> (Mez) L.B.Sm. f. <i>laevis</i>	Contr. Gray Herb. 104: 78. 1934.		} Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Neoregelia laevis</i> f. <i>maculata</i> H. Luther	J. Bromeliad Soc. 51(6): 269. 2001.			
<i>Neoregelia leprosa</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 29. 1955.		Endêmica. MG, ES	CC
<i>Neoregelia leucophoea</i> (Baker) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia lilliputiana</i> E. Pereira	Bradea 1(39): 383. 1974.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia lillyae</i> W. Weber var. <i>lillyae</i> <sup>§*</sup>	Feddes Repert. 94: 601. 1983.		} Desconhecida	
<i>Neoregelia lillyae</i> var. <i>acuminata</i> W. Weber <sup>§*</sup>	Feddes Repert. 94: 599. 1983.			
<i>Neoregelia longipedicellata</i> Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 74. 1998.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia longisepala</i> E. Pereira & I.A. Penna	Bradea 4(1): 1. 1983.		Endêmica. BA	CC
<i>Neoregelia lymaniana</i> R. Braga & D. Sucre	Rev. Brasil. Biol. 34(4): 491. 1974.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia macahensis</i> (Ule) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 9. 1939.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia macrosepala</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 29. 1955.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia maculata</i> L.B.Sm.	Phytologia 15: 187. 1967.		Endêmica. PR, SP	CSM
<i>Neoregelia macwilliamsii</i> L.B.Sm.	Phytologia 18: 138. 1969.		Endêmica. RJ	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Neoregelia magdalenae</i> L.B.Sm. & Reitz var. <i>magdalenae</i>	Phytologia 15: 189. 1967.		} Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia magdalenae</i> var. <i>teresae</i> L.B.Sm. & Reitz*	Phytologia 15: 189. 1967.			
<i>Neoregelia marmorata</i> (Baker) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 124: 10. 1939		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Neoregelia martinellii</i> W. Weber	Feddes Repert. 97: 119. 1986.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia melanodonta</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 30. 1955.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia menescalii</i> Leme*	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 73. 1998.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia nevaresii</i> Leme & H. Luther*	J. Bromeliad Soc. 48(4): 155. 1998.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia nivea</i> Leme <sup>§</sup> *	J. Bromeliad Soc. 46(5): 219. 1996.		SP	
<i>Neoregelia odorata</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 140. 1999.		Endêmica. SP	CSM
<i>Neoregelia olens</i> (Hook. f.) L.B.Sm. <sup>§</sup> *	Contr. Gray Herb. 124: 10. 1939.		Desconhecida	
<i>Neoregelia oligantha</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 30. 1955.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG	CSM
<i>Neoregelia pascoaliana</i> L.B.Sm.	Phytologia 24(5): 447. 1972.	EP (Brasil 2005), VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES	CC
<i>Neoregelia pauciflora</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 31. 1955.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia paulistana</i> E. Pereira	Sellowia 26: 76. 1975.		Endêmica. SP	CSM
<i>Neoregelia pernambucana</i> Leme & J.A. Siqueira	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 232. 2000.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. PE, AL	CNE
<i>Neoregelia petropolitana</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 45(5): 199. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia pineliana</i> (Lem.) L.B.Sm. f. <i>pineliana</i>	Contr. Gray Herb. 114: 5. 1936.		} Desconhecida	
<i>Neoregelia pineliana</i> f. <i>phyllanthidea</i> (E. Morren) L.B.Sm. *	Phytologia 15: 184. 1967.			
<i>Neoregelia pontualii</i> Leme*	Bradea 5: 391. 1990.		Endêmica. SP	CSM
<i>Neoregelia princeps</i> (Baker) L.B.Sm. f. <i>princeps</i>	Contr. Gray Herb. 114: 5. 1936.		} ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia princeps</i> f. <i>phyllanthidea</i> (Mez) L.B.Sm. <sup>§</sup>	Phytologia 15: 185. 1967.			
<i>Neoregelia punctatissima</i> (Ruschi) Ruschi	Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitao. Ser. Bot. 15: 2. 1954.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia richteri</i> W. Weber <sup>§</sup> *	Feddes Repert. 93: 341. 1982.		Desconhecida	
<i>Neoregelia roethii</i> W. Weber	Feddes Repert. 93: 342. 1982.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia rubrifolia</i> Ruschi	Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitao, Ser. Bot. 15: 1. 1954.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia rubrovittata</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 46(5): 217. 1996.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia ruschii</i> Leme & B.R. Silva	J. Bromeliad Soc. 51(4): 147. 2001.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia sanguinea</i> Leme	Selbyana 16(1): 115. 1995.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Neoregelia sapatibensis</i> E. Pereira & I.A. Penna	Bol. Mus. Bot. Mun. Curitiba 62: 2. 1985.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia sarmentosa</i> (Regel) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 104: 79. 1934.		Endêmica. MG, ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Neoregelia schubertii</i> Röth <sup>§</sup> *	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 42: 63. 1983.		Desconhecida	
<i>Neoregelia seideliana</i> L.B.Sm. & Reitz	Phytologia 10: 486, pl. 2, figs. 10,11. 1964.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia silvomontana</i> Leme & J.A. Siqueira*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 400. 2006.		Endêmica. BA	
<i>Neoregelia simulans</i> L.B.Sm.	Phytologia 15: 187. 1967.	CR (MG 2006)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Neoregelia smithii</i> W. Weber*	Feddes Repert. 93: 345. 1982.		Desconhecida	
<i>Neoregelia spectabilis</i> (T. Moore) L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 104: 79. 1934.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia tenebrosa</i> Leme	<i>Canistropsis</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 70. 1998.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Neoregelia tigrina</i> (Ruschi) Ruschi	Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitao. Ser. Bot. 15: 2. 1954.		Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia tristis</i> (Beer) L.B.Sm.	Proc. Amer. Acad. 70: 153. 1935.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Neoregelia uleana</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 31. 1955.		Desconhecida	
<i>Neoregelia wilsoniana</i> M.B. Foster	Bull. Bromeliad Soc. 9: 84. 1959.		Endêmica. BA	CC
<i>Neoregelia zaslavskyi</i> E. Pereira & Leme*	Bradea 4(22): 151. 1985.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Neoregelia zonata</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2: 120. 1950.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Nidularium albiflorum</i> (L.B.Sm.) Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 140. 2000.		Endêmica. SP, SC	CSM
<i>Nidularium altimontanum</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 127. 2000.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium alvimii</i> W. Weber*	Bradea 5(16): 167. 1989.		Endêmica. ES	CC
<i>Nidularium amazonicum</i> (Baker) Linden & E. Morren ex Lindm.	Ofvers. Forh. Kong. Sv. Vet. Akad. 47 (10): 541. 1890.	EP (RS 2002)	Endêmica. SP, PR, SC, RS	CSM
<i>Nidularium amorimii</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 118. 2000.		Endêmica. BA	CC
<i>Nidularium angustibracteatum</i> Leme	Bradea 4(34): 271. 1986.		Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Nidularium angustifolium</i> Ule	Ber. Deutsch. Bot. Ges. 16: 351. 1898.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium antoineanum</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 10: 13. 1880.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ, SP	CC, CSM
<i>Nidularium apiculatum</i> L.B.Sm. var. <i>apiculatum</i>	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 32. 1955.		} Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium apiculatum</i> var. <i>serrulatum</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 32. 1955.			
<i>Nidularium atalaiaense</i> E. Pereira & Leme	Bradea 4(11): 69. 1984.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium azureum</i> (L.B.Sm.) Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 94. 2000.	CR (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Nidularium bicolor</i> (E. Pereira) Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 49. 2000.		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Nidularium bocainense</i> Leme	Bradea 5(16): 169. 1989.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Nidularium campo-alegrense</i> Leme	Pabstia 5(1): 12. 1994.		Endêmica. ES, PR, SC, SP	CC, CSM
<i>Nidularium campos-portoi</i> (L.B.Sm.) Wand. & B.A. Moreira var. <i>campos-portoi</i>	Acta Bot. Bras. 14(1): 6. 2000.		} Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Nidularium campos-portoi</i> var. <i>robustum</i> (E. Pereira & I.A. Penna) Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 166. 2000.			
<i>Nidularium cariacaense</i> (W. Weber) Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 113. 2000.		Endêmica. ES	CC
<i>Nidularium catarinense</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 93. 2000.		Endêmica. SC	
<i>Nidularium corallinum</i> (Leme) Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 121. 2000.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. SP	CSM
<i>Nidularium espiritosantense</i> Leme	Pabstia 6(2): 4. 1995.		Endêmica. BA, ES	CC
<i>Nidularium ferninando-coburgii</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 112. 1880.		Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Nidularium ferrugineum</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 48. 2000.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Nidularium fradense</i> Leme	Selbyana 16(1): 117. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium fulgens</i> Lem.	Jard. Fleur. 4: 60. 1854.	PEX (SP 2004)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium innocentii</i> Lem. var. <i>innocentii</i>	Ill. Hort. 2: 13. 1855.	EP (RS 2002)	} Endêmica. BA, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM
<i>Nidularium innocentii</i> var. <i>lineatum</i> (Mez) L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 32. 1955.			
<i>Nidularium innocentii</i> var. <i>striatum</i> (W. Bull) Wittm.	Gartenflora 37: 422. 1888.			
<i>Nidularium itatiaiae</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 32. 1955.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium jonesianum</i> Leme	Pabstia 6(2): 1. 1995.	EP (RS 2002)	Endêmica. SP, SC, RS	
<i>Nidularium kautskyanum</i> Leme	Selbyana 16(1): 117. 1995.	VU (Brasil 2005, ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Nidularium krisgreeniae</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 171. 2000.		Endêmica. SP	CSM
<i>Nidularium linehamii</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 43(5): 199. 1993.		Endêmica. MG	
<i>Nidularium longiflorum</i> Ule	Ber. Deutsch. Bot. Ges. 14: 408. 1896.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Nidularium mangaratibense</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 73. 2000.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium marigoii</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 41(3): 112. 1991.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, ES, RJ SP	CC, CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Nidularium meeanum</i> Leme, Wand. & Mollo	Fl. Fanerog. Ilha Cardoso 3: 108. 1992.		Endêmica. MG, RJ, SP	CSM
<i>Nidularium minutum</i> Mez	Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 16: 4. 1919.		Endêmica. SP	CSM
<i>Nidularium organense</i> Leme*	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 142. 2000.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium picinguabense</i> Leme	Pabstia 4(3): 3. 1993.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Nidularium procerum</i> Lindm.	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 24(8): 16. 1891.		Endêmica. BA, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM
<i>Nidularium purpureum</i> Beer	Fam. Bromel. 75. 1856.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Nidularium rosulatum</i> Ule	Ber. Deutsch. Bot. Ges. 18: 320. 1900.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium rubens</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 219. 1894.		Endêmica. SP	CSM
<i>Nidularium rutilans</i> E. Morren	Belg. Hort. 35: 81. 1885.		Endêmica. RJ, SP	CC, CSM
<i>Nidularium scheremetiewii</i> Regel	Ind. Sem. Hort. Petrop. 28. 1857.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium serratum</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 111. 2000.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Nidularium utriculosum</i> Ule	Ber. Deutsch. Bot. Ges. 16: 347. 1898.	EXN (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Nidularium viridipetalum</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 109. 2000.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Orthophytum alvimii</i> W. Weber <sup>§</sup> *	Feddes Repert. 97: 126. 1986.		BA	
<i>Orthophytum atalaiense</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 309. 2006.		Endêmica. AL	CNE
<i>Orthophytum benzingsii</i> Leme & H. Luther*	J. Bromeliad Soc. 48(4): 150. 1998.	CR (MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Orthophytum braunii</i> Leme*	Pabstia 5(1): 14. 1994.		Endêmica. BA	
<i>Orthophytum compactum</i> L.B.Sm.	Phytologia 13: 462. 1966.		Endêmica. MG	CC
<i>Orthophytum disjunctum</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 33. 1955.		Endêmica. PB, PE, AL, MG	CNE
<i>Orthophytum duartei</i> L.B.Sm.	Phytologia 13: 462. 1966.	CR (ES 2005), EP (Brasil 2005)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Orthophytum estevesii</i> (Rauh) Leme*	J. Bromeliad Soc. 54(1): 37. 2004.	VU (ES 2005)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Orthophytum falconii</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 53(1): 21. 2003.		Endêmica. BA	
<i>Orthophytum foliosum</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 58. 1941.	VU (ES 2005)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Orthophytum fosterianum</i> L.B.Sm.	Bull. Bromeliad Soc. 8: 24. 1958.	VU (Brasil 2005, ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Orthophytum glabrum</i> (Mez) Mez	Monogr. Phan. 9: 117. 1896.		MG	
<i>Orthophytum grossiorum</i> Leme & Paula*	Vidalia 1(1): 2. 2003.	EP (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Orthophytum gurkenii</i> Hutchison*	Phytologia 52(6): 373. 1983.		Endêmica. MG	
<i>Orthophytum horridum</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 54(1): 39. 2004.		Endêmica. MG	

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Orthophytum jabrense</i> G.S. Baracho & J.A. Siqueira	Vidalia 2(1): 47. 2004.		Endêmica. PB	
<i>Orthophytum lanuginosum</i> Leme & Paula*	J. Bromeliad Soc. 55(4): 161. 2005.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Orthophytum leprosum</i> (Mez) Mez	Monogr. Phan. 9: 117. 1896.		Endêmica. BA, MG	CC
<i>Orthophytum lucidum</i> Leme & H. Luther*	Selbyana 19(2): 189. 1998 (1999).		MG	
<i>Orthophytum magalhaesii</i> L.B.Sm.	Phytologia 13: 464. 1966.	EP (MG 2006)	Endêmica. BA, MG	
<i>Orthophytum maracasense</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 33. 1955.		Endêmica. BA, MG	
<i>Orthophytum rubrum</i> L.B.Sm.	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 34. 1955.		Endêmica. BA	
<i>Orthophytum sanctum</i> L.B.Sm.*	Bull. Bromeliad Soc. 12: 32. 1962.		Endêmica. ES	CC
<i>Orthophytum saxicola</i> (Ule) L.B.Sm. var. <i>saxicola</i>	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 34. 1955.		} BA	
<i>Orthophytum saxicola</i> var. <i>aloifolium</i> O. Scharz <sup>§</sup> *	Phytologia 15: 193. 1967.			
<i>Orthophytum sucrei</i> H. Luther <sup>§</sup> *	Selbyana 18(1): 95. 1997.		BA	
<i>Orthophytum triumfense</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 311. 2006.		Endêmica. PE	
<i>Orthophytum vagans</i> M.B. Foster	Bull. Bromeliad Soc. 10: 60. 1960.		Endêmica. ES	
<i>Orthophytum zanonii</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 54(2): 72. 2004.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Pitcairnia albiflos</i> Herb.	Bot. Mag. 53: t. 2642. 1826.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Pitcairnia azouryi</i> Martinelli & Forzza*	Rev. Bras. Bot. 29(4): 603. 2006.		Endêmica. ES	CC
<i>Pitcairnia burle-marxii</i> R. Braga & Sucre	Anais Acad. Brasil. Ci. 43: 221. 1971.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Pitcairnia carinata</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 448. 1894.		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Pitcairnia corcovadensis</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 12: 384. 1862.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Pitcairnia curvidens</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Phytologia 41(5): 331. 1979.		MG	CSM
<i>Pitcairnia decudua</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 110. 1943.	VU (ES 2005)	Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Pitcairnia encholirioides</i> L.B.Sm.	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 146. 1951.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Pitcairnia flammea</i> Lindl. var. <i>flammea</i>	Bot. Reg. 13: t. 1092. 1827.		} BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC	
<i>Pitcairnia flammea</i> var. <i>floccosa</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 112. 1943.			
<i>Pitcairnia flammea</i> var. <i>glabrior</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 111. 1943.			
<i>Pitcairnia flammea</i> var. <i>macropoda</i> L.B.Sm. & Reitz	Phytologia 15(3): 194. 1967.			
<i>Pitcairnia flammea</i> var. <i>pallida</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 112. 1943.			
<i>Pitcairnia flammea</i> var. <i>roezlii</i> (E. Morren) L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 112. 1943.			
<i>Pitcairnia glaziovii</i> Baker	Handb. Bromel. 92. 1889.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Pitcairnia insularis</i> Tatagiba & R.J.V. Alves *	Selbyana 25(1): 27. 2004.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Pitcairnia lanuginosa</i> Ruiz & Pav. <sup>§</sup>	Fl. Per. 3: 35. t. 258.		AM, PA, MG, GO, MT, DF, Extra-Brasil	

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Pitcairnia limae</i> L.B.Sm.	Phytologia 7: 254. 1960.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. CE	
<i>Pitcairnia nordefluminensis</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 54(4): 182. 2004.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Pitcairnia staminea</i> Lodd.	Bot. Cab. 8: t. 722. 1823.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Pitcairnia wendtii</i> Tatagiba & B.R. Silva	Selbyana 25(1): 30. 2004.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Portea alatisepala</i> Philcox	Kew Bull. 47(2): 274. 1992.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Portea filifera</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 58. 1941.		Endêmica. BA	CC
<i>Portea fosteriana</i> L.B.Sm.	Bull. Bromeliad Soc. 9: 24. 1959.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Portea grandiflora</i> Philcox	Kew Bull. 47(2): 276. 1992.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Portea kermesina</i> K. Koch	Index Sem. [Berlin] 1856: 7. 1857.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Portea nana</i> Leme & H. Luther	J. Bromeliad Soc. 53(3): 115. 2003.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Portea petropolitana</i> (Wawra) Mez var. <i>petropolitana</i>	Fl. bras. 3(3): 297. 1894.		} Endêmica. BA, ES, MG, RJ	CC, CSM
<i>Portea petropolitana</i> var. <i>extensa</i> L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2(1): 113. 1943.			
<i>Portea petropolitana</i> var. <i>noettigii</i> (Wawra) L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2(1): 113. 1943.			
<i>Portea silveirae</i> Mez	Bot. Jahrb. Syst. 67: 4. 1901.		Endêmica. BA, MG, ES	CC, CSM
<i>Pseudananas sagenarius</i> (Arruda da Camara) Camargo	Revista Agric. Piracicaba 14 (7-8): 4. 1939.		CE, PE, AL, BA, MT, MS, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Quesnelia arvensis</i> (Vell.) Mez	Fl. bras. 3(3): 381. 1894.		Endêmica. RJ, SP, PR	CSM
<i>Quesnelia augusto-coburgii</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 150. 1880.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Quesnelia dubia</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 55(1): 15. 2005.		Endêmica. BA	CC
<i>Quesnelia edmundoi</i> L.B.Sm. var. <i>edmundoi</i>	Smithsonian Misc. Collect. 126(1): 34. 1955.		} Endêmica. RJ	CSM
<i>Quesnelia edmundoi</i> var. <i>intermedia</i> E. Pereira & Leme	Brasil Florestal 59: 41. 1984.			
<i>Quesnelia edmundoi</i> var. <i>rubrobracteata</i> E. Pereira	Bradea 3(27): 214. 1981.			
<i>Quesnelia humilis</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 386. 1894.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. SP, PR	CSM
<i>Quesnelia imbricata</i> L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2: 195. 1952.	R (SC 1990)	Endêmica. PR, SC	CSM
<i>Quesnelia indecora</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 384. 1894.		Endêmica. MG, ES	CSM
<i>Quesnelia kautskyi</i> C. Vieira	Bradea 8(23): 131. 1999.	VU (ES 2005, MG 2006)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Quesnelia lateralis</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 149. 1880.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Quesnelia liboniana</i> (De Jonghe) Mez	Bot. Arch. 1: 66. 1922.		Endêmica. MG, RJ, SP	CSM
<i>Quesnelia marmorata</i> (Lem.) R.W. Read	Bull. Bromeliad Soc. 15: 25. 1965.		Endêmica. ES, RJ, SP	CC, CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Quesnelia quesneliana</i> (Brongn.) L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2: 196. 1952.		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Quesnelia seideliana</i> L.B.Sm. & Reitz	Phytologia 8: 506. 1963.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Quesnelia strobilispica</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 149. 1880.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Quesnelia testudo</i> Lindm.	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 24(8): 24. 1891.		Endêmica. SP, PR	CSM
<i>Quesnelia violacea</i> Wand. & S.L. Proença*	Hoehnea 33(1): 111. 2006.		Endêmica. SP	CSM
<i>Racinaea aerisincola</i> (Mez) M.A. Spencer & L.B.Sm.	Phytologia 74(2): 153. 1993.	PEX (SP 2004), EP (PR 1995)	Endêmica. MG, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Racinaea domingos-martinsis</i> (Rauh) J.R. Grant	Phytologia 74(2): 429. 1993	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Racinaea spiculosa</i> (Griseb.) M.A. Spencer & L.B. Sm. var. <i>spiculosa</i>	Phytologia 74(2): 157. 1993.	VU (PR 1995)	CE, PE, AL, SE, BA, ES, RJ, SP, PR, SC, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Racinaea spiculosa</i> var. <i>ustulata</i> (Reitz) M.A. Spencer & L.B.Sm.	Phytologia 74(2): 157. 1993.			
<i>Ronnbergia brasiliensis</i> E. Pereira & I.A. Penna	Bol. Mus. Bot. Mun. Curitiba 62: 1. 1985.		Endêmica. BA	CC
<i>Ronnbergia carvalhoi</i> Martinelli & Leme*	J. Bromeliad Soc. 37(2): 79. 1987.		Endêmica. BA	CC
<i>Ronnbergia neoregelioides</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 49(3): 102. 1999.		Endêmica. BA	CC
<i>Ronnbergia silvana</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 53(2): 62. 2003.		Endêmica. BA	CC
<i>Tillandsia aeranthos</i> (Loiseleur) L.B.Sm. var. <i>aeranthos</i>	Lilloa 9: 200. 1943.		} SC, RS, Extra-Brasil	
<i>Tillandsia aeranthos</i> var. <i>alba</i> T. Strehl & G. Rohde*	Bromélia 5(1-4): 77. 1999.	EP (RS 2002)		
<i>Tillandsia aeranthos</i> var. <i>albobracteata</i> T. Strehl*	Divul. Mus. Cienc. Tecnol. 9: 28. 2004.	EP (RS 2002)		
<i>Tillandsia aeranthos</i> var. <i>flava</i> T. Strehl*	Divul. Mus. Cienc. Tecnol. 9: 28. 2004	EP (RS 2002)		
<i>Tillandsia aeranthos</i> var. <i>rosea</i> T. Strehl*	Iheringia, Bot. 54: 22. 2000.	EP (RS 2002)		
<i>Tillandsia afonsoana</i> T. Strehl*	Iheringia, Bot. 54: 23. 2000.	EP (RS 2002) VU (Brasil 2005)	RS	
<i>Tillandsia araujei</i> Mez var. <i>araujei</i>	Fl. bras. 3(3): 600. 1894.		} Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Tillandsia araujei</i> var. <i>minima</i> E. Pereira & I.A. Penna	Bradea 3(12): 90. 1980.			
<i>Tillandsia arequitae</i> (André) André ex Mez	Monogr. Phan. 9: 814. 1896.		RS, Extra-Brasil	
<i>Tillandsia bergeri</i> Mez	Feddes Repert. 14: 254. 1916.		RS, Extra-Brasil	
<i>Tillandsia brachyphylla</i> Baker	J. Bot. 26: 16. 1888.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia bulbosa</i> Hook. f. <i>bulbosa</i>	Exot. Fl. 3: pl. 173. 1826.		Amazônia, PB, PE, AL, SE, BA, ES, Extra-Brasil	CC, CNE

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Tillandsia carminea</i> W.Till	Pl. Syst. Evol. 138: 293. 1981.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia catimbauensis</i> Leme, W. Till & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 335. 2006.		Endêmica. PE	
<i>Tillandsia chapeuensis</i> Rauh	Trop. Subtrop. Pflanz. 58: 24. 1986.		PE, AL, BA	CNE
<i>Tillandsia crocata</i> (E. Morren) Baker	J. Bot. 25: 214. 1887.		RJ, PR, RS, Extra-Brasil	CSM
<i>Tillandsia didisticha</i> (E. Morren) Baker	J. Bot. 26: 16. 1888.		MS, PR, Extra-Brasil	
<i>Tillandsia dura</i> Baker	Handb. Bromel. 168. 1889.		Endêmica. ES, RJ, SP, SC	CSM
<i>Tillandsia eltoniana</i> E. Pereira*	Bradea 4(22): 155. 1985.		Endêmica. ES	CC
<i>Tillandsia gardneri</i> Lindl. var. <i>gardneri</i>	Bot. Reg. 28: t. 63. 1842.	VU (RS 2002)	PI, CE, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia gardneri</i> var. <i>rupicola</i> E. Pereira	Bradea 3(27): 214. 1981.			
<i>Tillandsia geminiflora</i> Brongn. var. <i>geminiflora</i>	Voy. Monde. 186. 1829.	VU (RS 2002)	PB, PE, BA, DF, GO, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia geminiflora</i> var. <i>incana</i> (Wawra) Mez	Fl. bras. 3(3): 595.1894.			
<i>Tillandsia globosa</i> Wawra var. <i>globosa</i>	Oesterr. Bot. Z. 30: 222. 1880.		PB, BA, MG, ES, RJ, SP, Extra-Brasil	CC, CSM
<i>Tillandsia globosa</i> var. <i>alba</i> E. Pereira*	Bradea 3(7): 47. 1980.			
<i>Tillandsia globosa</i> var. <i>major</i> L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2(1): 114. 1943.			
<i>Tillandsia grazielae</i> Sucre & Braga	Bol. Mus. Bot. Mun. Curitiba 22: 1. 1975.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia heubergeri</i> Ehlers	Bromelie 3: 35. 1996.		Endêmica. BA, RJ	CC, CSM
<i>Tillandsia itaubensis</i> T. Strehl*	Iheringia, Bot. 54: 25. 2000.	CR (RS 2002), VU (Brasil 2005)	RS	
<i>Tillandsia jonesii</i> T. Strehl	Iheringia, Bot. 54: 27. 2000.	VU (RS 2002)	RS	
<i>Tillandsia juncea</i> (Ruiz & Pav.) Poiret	Encycl. Suppl. 5: 309. 1817.		PB, PE, AL, SE, MG, Extra-Brasil	CNE
<i>Tillandsia kautskyi</i> E. Pereira	Bradea 1(43): 438. 1974.	VU (Brasil 2005), EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Tillandsia kegeliana</i> Mez	Monogr. Phan. 9: 725. 1896.		PB, PE, Extra-Brasil	CNE
<i>Tillandsia leonamiana</i> E. Pereira <sup>§</sup>	Bradea 1(43): 437. 1974.		MG	
<i>Tillandsia linearis</i> Vell.	Fl. Flumin. 133. 1825.	VU (SP 2004)	Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Tillandsia loliacea</i> Mart. ex Schult. & Schult. f.	Syst. veg. 7(2): 1204. 1830.		PI, CE, PB, PE, BA, MG, DF, MT, MS, ES, SP, PR, Extra-Brasil	CC, CNE

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Tillandsia lorentziana</i> Griseb.	Abh. Konigl. Ges. Wiss. Gottingen 19: 271. 1874.	VU (PR 1995, RS 2002)	PR, RS, Extra-Brasil	
<i>Tillandsia mallemonii</i> Glaziou ex Mez	Fl. bras. 3(3): 608. 1894.	EP (RS 2002)	RN, BA, RJ, SP, PR, SC, RS	CSM
<i>Tillandsia montana</i> Reitz	Sellowia 14: 106. 1962.	R (SC 1990)	Endêmica. SC	
<i>Tillandsia neglecta</i> E. Pereira	Bradea 1(11): 78. 1971.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia nuptialis</i> R. Braga & D. Sucre	Loefgrenia 35: 1. 1969.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia organensis</i> Ehlers	Bromelie 3: 48. 1996.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia paraensis</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 586. 1894.		AM, RO, AC, PA, MT, PB, PE, AL, Extra-Brasil	CNE
<i>Tillandsia pohliana</i> Mez	Fl. Bras. 3(3): 597. 1894.		PE, MG, SP, PR e estados do Centro-Oeste, Extra-Brasil	CSM
<i>Tillandsia polystachia</i> (L.) L.	Sp. Pl. (ed. 2) 1: 410. 1762.		PB, PE, AL, BA, MG, ES, RJ, PR, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia pruinosa</i> Swartz	Fl. Ind. Occid. 1: 594. 1797.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Tillandsia reclinata</i> E. Pereira & Martinelli	Bradea 3(32): 253. 1982.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L.	Sp. Pl. (ed. 2) 1: 410. 1762.		CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia recurvifolia</i> Hook.	Bot. Mag. 87: t. 5246. 1861.	EP (RS 2002)	Endêmica. SP, PR	
<i>Tillandsia rohdendardini</i> T. Strehl*	Vidalia 2(2): 34. 2004.		RS, Extra-Brasil	
<i>Tillandsia roseiflora</i> Ehlers & W. Weber	Bromelie 3: 52. 1996.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Tillandsia segregata</i> E. Pereira*	Rodriguésia 26(38): 113. 1971.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES, RJ	CSM
<i>Tillandsia seideliana</i> E. Pereira*	Bradea 2(47): 310. 1979.		Endêmica. SC	
<i>Tillandsia sprengeliana</i> Klotzsch ex Mez	Fl. bras. 3(3): 596. 1894.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Tillandsia streptocarpa</i> Baker var. <i>streptocarpa</i>	J. Bot. 25: 241. 1887.	EP (RS 2002)	RN, PB, PE, BA, MG, SP, PR, RS, Extra-Brasil	CSM, CNE
<i>Tillandsia stricta</i> Sol. var. <i>stricta</i>	Bot. Mag. 37: pl. 1529. 1813		] CE, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC e RS, Região Centro-Oeste, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia stricta</i> var. <i>disticha</i> L.B.Sm.	Arch. Bot. de São Paulo 2(1): 115. 1943.			
<i>Tillandsia stricta</i> var. <i>stricta</i> f. <i>nivea</i> Leme*	Pabstia 4(3): 6. 1993.			
<i>Tillandsia sucrei</i> E. Pereira	Rodriguésia 26(38): 115. 1971.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Tillandsia tenuifolia</i> L. var. <i>tenuifolia</i>	Sp. Pl. (ed. 2) 1: 286. 1753.	VU (RS 2002)	CE, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Região Centro-Oeste, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia tenuifolia</i> var. <i>disticha</i> (L.B.Sm.) L.B.Sm.	Phytologia 8: 220. 1962.			
<i>Tillandsia tenuifolia</i> var. <i>dungsiana</i> E. Pereira*	Bradea 2(25): 174. 1977.			
<i>Tillandsia tenuifolia</i> var. <i>saxicola</i> (L.B.Sm.) L.B.Sm.	Phytologia 8: 220. 1962.			
<i>Tillandsia tenuifolia</i> var. <i>strobiliformis</i> Ehlers*	Bromelie 1996(2): 41. 1996.			
<i>Tillandsia tenuifolia</i> var. <i>vaginata</i> (Wawra) L.B.Sm.	Phytologia 8: 220. 1962.			
<i>Tillandsia toropiensis</i> Rauh <sup>§</sup> *	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 50: 10. 1984.	VU (RS 2002)	RS	
<i>Tillandsia tricholepis</i> Baker	J. Bot. 16: 237. 1878.	EP (RS 2002)	CE, PE, MG, RJ, PR, RS, Extra-Brasil	CSM
<i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L.	Sp. Pl. (ed. 2) 1: 411. 1762.	VU (RS 2002)	CE, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Tillandsia xiphioides</i> Ker-Gawler ssp. <i>xiphioides</i> var. <i>xiphioides</i>	Bot. Reg. 2: pl. 105. 1816.		RS, SC, Extra-Brasil	
<i>Vriesea agostiniana</i> E. Pereira	Bradea 1(5): 33. 1971.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea altimontana</i> E. Pereira & Martinelli	Bradea 3(43): 380. 1983.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea altodaserrae</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 98: 16. 1932.		Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Vriesea altomacaensis</i> A. Costa	J. Bromeliad Soc. 44(4): 159. 1994.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea amadoi</i> Leme*	Selbyana 16(1): 111. 1995.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea amethystina</i> E. Morren	Belg. Hort. 34: 330. 1884.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Vriesea appariciana</i> E. Pereira & Reitz	Bradea 1(43): 441. 1974.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea arachnoidea</i> A. Costa	J. Bromeliad Soc. 44(4): 162. 1994.	VU (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Vriesea atra</i> Mez var. <i>atra</i>	Fl. bras. 3(3): 543. 1894.		Endêmica. BA, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea atra</i> var. <i>variegata</i> Martinelli & Leme*	Rodriguésia 35(57): 29. 1984.			
<i>Vriesea atrococcinea</i> Rauh	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 33: 14. 1981.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea atropurpurea</i> A. Silveira <sup>§</sup>	Floral. Mont. 2(add.): 3. 1931.	VU (Brasil 2005, MG 2006)	MG	
<i>Vriesea barbosa</i> J.A. Siqueira & Leme*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 362. 2006.		Endêmica. PE	CNE
<i>Vriesea barilletii</i> E. Morren	Belg. Hort. 33: 33. 1883.		Desconhecida	
<i>Vriesea belloi</i> Leme	Bradea 5(16): 172. 1989.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea biguassuensis</i> Reitz*	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 8. 1952.	R (SC 1990, Brasil 1992)	Endêmica. SC	

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea billbergioides</i> E. Morren ex Mez var. <i>billbergioides</i>	Fl. bras. 3(3): 534. 1894.		} Endêmica. MG, RJ, SP	CC, CSM
<i>Vriesea billbergioides</i> var. <i>ampla</i> L.B.Sm.	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 15: 330. 1958.			
<i>Vriesea billbergioides</i> var. <i>subnuda</i> L.B.Sm.*	Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 10: 147. 1950.			
<i>Vriesea bituminosa</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 12: 347. 1862.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. CE, BA, MG, ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Vriesea blackburniana</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 55(1): 20. 2005.		Endêmica. BA	
<i>Vriesea bleherae</i> Röth & W. Weber f. <i>bleherae</i> *	Bradea 2(38): 262. 1978.	CR (Brasil 2005)	} Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea bleherae</i> f. <i>atroviolaceifolia</i> Roeth & W.Weber*	Bradea 2(38): 262. 1978.			
<i>Vriesea botafogensis</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 536. 1894.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea brassicoides</i> (Baker) Mez	Monogr. Phan. 9: 598. 1896.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea breviscapa</i> (E. Pereira & I.A. Penna) Leme	J. Bromeliad Soc. 52(5): 216. 2002.	VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES	CC
<i>Vriesea brusquensis</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4(4): 10. 1952.	R (SC 1990, Brasil 1992), EP (RS 2002)	Endêmica. PR, SC	CSM
<i>Vriesea cacuminis</i> L.B.Sm.	Phytologia 16: 79. 1968.	VU (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG	CSM
<i>Vriesea calimaniensis</i> Leme & W. Hill*	Bromélia 4(2): 9. 1997.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea capixabae</i> Leme	Harvard Pap. Bot. 4(1): 150. 1999.		Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea carinata</i> Wawra var. <i>carinata</i>	Oesterr. Bot. Z. 12: 349. 1862.	VU (RS 2002)	} Endêmica. BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM
<i>Vriesea carinata</i> var. <i>flavominiata</i> Leme	J. Bromeliad Soc. 34: 121. 1984.			
<i>Vriesea carinata</i> var. <i>mangaratibensis</i> Leme & A. Costa	Bromélia 1(4): 23. 1994.			
<i>Vriesea cearensis</i> L.B.Sm.	Phytologia 7: 255. 1960.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. CE	
<i>Vriesea clauseniana</i> (Baker) Mez	Fl. bras. 3(3): 545. 1894.	EP (MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Vriesea colnagoi</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 3: 379. 1983	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea corcovadensis</i> (Britten) Mez	Fl. bras. 3(3): 532. 1894.	EP (RS 2002)	Endêmica. BA, ES, RJ, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea correia-araujoii</i> E. Pereira & I.A. Penna	Bradea 3(7): 45. 1980.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Vriesea costae</i> B.R. Silva & Leme*	J. Bromeliad Soc. 51(4): 151. 2001.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CC
<i>Vriesea crassa</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 566. 1894.		MG, RJ	CSM
<i>Vriesea croceana</i> Leme & G.K. Brown*	Vidalia 2(1): 8. 2004.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea debilis</i> Leme*	Bradea 5(16): 173. 1989.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea declinata</i> Leme	Bradea 5(16): 174. 1989.		Endêmica. SC	
<i>Vriesea delicatula</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 58. 1941.	EP (Brasil 2005) VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea dictyographa</i> Leme*	Bromélia 6(1-4): 4. 2001.		Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea drepanocarpa</i> (Baker) Mez	Monogr. Phan. 9: 581. 1896.	VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea duvaliana</i> E. Morren	Belg. Hort. 34: 105. 1884.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea eltoniana</i> E.Pereira	Bradea 3(27): 213. 1981.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea ensiformis</i> (Vell.) Beer var. <i>ensiformis</i>	Fam. Bromel. 92. 1856.		} Endêmica. PE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM, CNE
<i>Vriesea ensiformis</i> var. <i>bicolor</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 116. 1943.			
<i>Vriesea ensiformis</i> var. <i>striata</i> Seidel*	Bull. Bromeliad Soc. 13: 89. 1963.			
<i>Vriesea erythrodactylon</i> E. Morren var. <i>erythrodactylon</i>	Monogr. Phan. 9: 569. 1896.	VU (RS 2002)	} Endêmica. ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea erythrodactylon</i> var. <i>rubropunctata</i> E. Pereira & Moutinho*	Bradea 3(27): 214. 1981.			
<i>Vriesea fenestralis</i> Linden & André	Ill. Hort. 22: 124. 1875.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Vriesea fidelensis</i> Leme*	Bradea 8(21): 118. 1999.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea flamma</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 59. 1941.	EP (RS 2002)	Endêmica. PE, BA, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM, CNE
<i>Vriesea flava</i> A. Costa, H. Luther & Wand.	Novon 14(1): 36. 2004.		Endêmica. SP, PR, SC	CSM
<i>Vriesea fluminensis</i> E. Pereira	Bradea 1(25): 273. 1972.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea fontellana</i> Leme & G.K. Brown*	Vidalia 2(1): 6. 2004.		Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea fontourae</i> B.R. Silva*	J. Bromeliad Soc. 55(2): 77. 2005.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea fosteriana</i> L.B.Sm. var. <i>fosteriana</i>	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 116. 1943.	CR (Brasil 2005),	} Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea fosteriana</i> var. <i>seideliana</i> Reitz*	Sellowia 17: 41. 1965.	EP (ES 2005)		
<i>Vriesea fradensis</i> A. Costa	Bromélia 2(4): 7. 1995.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea freicanecana</i> J.A. Siqueira & Leme	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 377. 2006.		Endêmica. PE	CNE
<i>Vriesea friburgensis</i> Mez var. <i>friburgensis</i>	Fl. bras. 3(3): 537. 1894.		} PE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	CC, CSM
<i>Vriesea friburgensis</i> var. <i>paludosa</i> (L.B.Sm.) L.B.Sm.	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 68. 1952.			
<i>Vriesea friburgensis</i> var. <i>tucumanensis</i> (Mez) L.B.Sm.	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 68. 1952.	VU (RS 2002)		
<i>Vriesea funebris</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 117. 1943.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea garlippiana</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 47: 99. 1997.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea gasthaniana</i> Leme & G.K. Brown*	Vidalia 2(1): 9. 2004.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea gigantea</i> Gaudich. var. <i>gigantea</i> <i>Vriesea gigantea</i> var. <i>seideliana</i> Röth*	Atl. Voy. Bonite, Bot. t. 70: 1846. Bromelie 1992(1): 6. 1992.	VU (RS 2002)	Endêmica. PE, AL, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM, CNE
<i>Vriesea goniorachis</i> (Baker) Mez <i>Vriesea gracilior</i> (L.B.Sm.) Leme	Fl. bras. 3(3): 345. 1894. J. Bromeliad Soc. 41(6): 265. 1991.	CR (Brasil 2005) VU (ES 2005)	Endêmica. RJ Endêmica. ES	CSM CC
<i>Vriesea gradata</i> (Baker) Mez var. <i>gradata</i> <i>Vriesea gradata</i> var. <i>bicolor</i> E. Pereira & I.A. Penna	Fl. bras. 3(3): 523. 1894. Bradea 4(19): 137. 1985.		Endêmica. MG, ES, RJ, SP	CSM
<i>Vriesea grandiflora</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 50(2): 52. 2000.	VU (MG 2006)	Endêmica. RJ, MG	CSM
<i>Vriesea guttata</i> Linden & André var. <i>guttata</i> <i>Vriesea guttata</i> var. <i>eguttata</i> Reitz <i>Vriesea guttata</i> var. <i>striata</i> Reitz	Ill. Hort. 22: 43. 1875. Sellowia 14: 108. 1962. Sellowia 14: 108. 1962.	EP (SP 2004)	Endêmica. MG, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea harrylutheri</i> Leme & G.K. Brown* <i>Vriesea heterostachys</i> (Baker) L.B.Sm.	Vidalia 2(1): 4. 2004. Phytologia 19: 289. 1970	VU (ES 2005)	Endêmica. ES Endêmica. MG, ES, RJ, SP, PR	CC CC, CSM
<i>Vriesea hieroglyphica</i> (Carrière) E. Morren var. <i>hieroglyphica</i> <i>Vriesea hieroglyphica</i> var. <i>zebrina</i> Ruschi*	Ill. Hort. 31: 41. 1884. Bull. Mus. Natl. Hist. Nat. 2(26): 547. 1954.	CR (Brasil 2005, ES 2005) VU (SP 2004)	Endêmica. ES, RJ, SP, PR	CC, CSM
<i>Vriesea hoehneana</i> L.B.Sm.	Proc. Amer. Acad. Arts 68: 150. 1933.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Vriesea hydrophora</i> Ule <i>Vriesea incurvata</i> Gaudichaud	Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro 10: 189. 1899. Atl. Voy. Bonite, Bot. t. 68. 1843.	VU (RS 2002)	Endêmica. ES, RJ, SP Endêmica. RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM CSM
<i>Vriesea inflata</i> (Wawra) Wawra	Itin. Prin. S. Coburgi 1: 161. 1883.		Endêmica. MG, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea interrogatoria</i> L.B.Sm. <i>Vriesea itatiaiae</i> Wawra <i>Vriesea jonesiana</i> Leme* <i>Vriesea jonghei</i> (K. Koch) E. Morren	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 117. 1943. Oesterr. Bot. Z. 30: 221. 1880. Harvard Pap. Bot. 4(1): 154. 1999. Belg. Hort. 28: 257. 1878.	VU (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ, SP Endêmica. MG, ES, RJ, SP Endêmica. SP BA, MG, RJ, SP, PR, SC, Extra-Brasil	CSM CC, CSM CSM CC, CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea joyae</i> E. Pereira & I.A. Penna var. <i>joyae</i> *	Bradea 4(19): 135. 1985.	}	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea joyae</i> var. <i>parvula</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 4(19): 135. 1985.			
<i>Vriesea kautskyana</i> E. Pereira & I.A. Penna	Bradea 3(43): 380. 1983.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Vriesea lancifolia</i> (Baker) L.B.Sm.	Lilloa 6: 386. 1941.		Endêmica. BA	
<i>Vriesea languida</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 118. 1943.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea leptantha</i> Harms	Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 12: 532. 1935.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea lidicensis</i> Reitz*	Sellowia 26: 55. 1975.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea limae</i> L.B.Sm.	Phytologia 20(3): 181. 1970.		Endêmica. PE	
<i>Vriesea linharesiae</i> Leme & J.A. Siqueira*	Selbyana 22(2): 152. 2001.		Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea longicaulis</i> (Baker) Mez	Fl. bras. 3(3): 542. 1894.		Endêmica. MG, ES, RJ, SP, SC	CC, CSM
<i>Vriesea longiscapa</i> Ule	Ber. Deutsch. Bot. Ges. 18: 323. 1900.		Endêmica. ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Vriesea longistaminea</i> Paula & Leme*	Vidália 2(1): 25. 2004.	CR (Brasil 2005, MG 2006)	Endêmica. MG	
<i>Vriesea lubbersii</i> (Baker) E. Morren	Fl. bras. 3(3): 533. 1894.		Endêmica. MG, ES, RJ, SP, SC	CC, CSM
<i>Vriesea menescalii</i> E. Pereira & Leme	Bradea 4(25): 166. 1985.	EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea michaelii</i> W. Weber <sup>s</sup> *	Feddes Repert. 93(5): 349. 1982.		Desconhecida	
<i>Vriesea minarum</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 118. 1943.	VU (Brasil 2005, MG 2006)	MG	
<i>Vriesea minor</i> (L.B.Sm.) Leme	J. Bromeliad Soc. 46(6): 245. 1996.		MG	
<i>Vriesea minuta</i> Leme*	Bromélia 2(4): 24. 1995.		Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea modesta</i> Mez	Bot. Jahrb. Syst. 30(67): 7. 1901.		Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Vriesea mollis</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 156. 1999.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea monacorum</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 119. 1943.		MG	
<i>Vriesea morrenii</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 219. 1880.	VU (ES 2005)	Endêmica. MG, ES, RJ	CC, CSM
<i>Vriesea muelleri</i> Mez	Bot. Jahrb. Syst. 30(67): 7. 1901.	R (SC 1990, Brasil 1992)	Endêmica. SP, PR, SC	CSM
<i>Vriesea neoglutinoso</i> Mez	Pflanzenr. 32: 636. 1935.	VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea noblickii</i> Martinelli & Leme	Bradea 4(43): 346. 1987.		Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea oleosa</i> Leme	Harvard Pap. Bot. 4(1): 160. 1999.		CE, PE, AL, BA, Extra-Brasil	CNE, CC
<i>Vriesea pabstii</i> McWilliams & L.B.Sm.	Bull. Bromeliad Soc. 20: 54. 1970.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES, SP	CC, CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea pallidiflora</i> E. Pereira*	Rodriguésia 26(38): 117. 1971.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea paradoxa</i> Mez <sup>§</sup> *	Monogr. Phan. 9: 604. 1896.		BA	
<i>Vriesea paraibica</i> Wawra	Itin. Prin. S. Coburgi 1: 160. 1883.		Endêmica. RJ, MG	CSM
<i>Vriesea paratiensis</i> E. Pereira	Bradea 1(25): 275. 1972.		Endêmica. RJ, PR, SP	CSM
<i>Vriesea pardalina</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 523. 1894.		MG, RJ, SP	CSM
<i>Vriesea parviflora</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 119. 1943.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea parvula</i> Rauh <sup>§</sup> *	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 58: 44. 1986.		SP	
<i>Vriesea pastuchoffiana</i> Glaziou ex Mez	Fl. bras. 3(3): 524. 1894.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea pauciflora</i> Mez*	Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 16: 72. 1919.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea pauperrima</i> E. Pereira	Bradea 1(25): 274. 1972.		Endêmica. BA, MG, ES, RJ, SP, PR, RS	CC, CSM
<i>Vriesea penduliflora</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 120. 1943.	EP (Brasil 2005) VU (MG 2006)	Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Vriesea pereirae</i> L.B.Sm.	Phytologia 16: 82. 1968.	EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea philippocoburgii</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 219. 1880.	VU (RS 2002)	Endêmica. RJ, SP, PR, SC, RS	CSM
<i>Vriesea pinottii</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 12. 1952.	EP (SC 1990, Brasil 1992, PR 1995)	Endêmica. PR, SC	CSM
<i>Vriesea platynema</i> Gaudich. var. <i>platynema</i>	Voy. Bonite, Bot.pl. 66. 1843.	VU (RS 2002)	} CE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	} CC, CSM
<i>Vriesea platynema</i> var. <i>flava</i> Reitz*	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 15. 1952.			
<i>Vriesea platynema</i> var. <i>rosea</i> (Antoine) Mez*	Fl. bras. 3(3): 552. 1894.			
<i>Vriesea platynema</i> var. <i>striata</i> (Wittm.) Wittm.	Fl. bras. 3(3): 553. 1894.			
<i>Vriesea platynema</i> var. <i>variegata</i> (Guillon) Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 15. 1952.	EP (RS 2002)		
<i>Vriesea platzmannii</i> E. Morren	Belg. Hort. 25: 349. 1875.	EP (RS 2002)	Endêmica. SP, PR, SC, RS	CSM
<i>Vriesea plurifolia</i> Leme	Bradea 4(39): 314. 1987.	EP (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea poenulata</i> (Baker) E. Morren ex Mez	Fl. bras. 3(3): 573. 1894.		Endêmica. ES, RJ	CC, CSM
<i>Vriesea procera</i> (Mart. ex Schult. & Schult. f.) Wittm. var. <i>procera</i>	Bot. Jahrb. Syst. 13(29): 21. 1891.	VU (RS 2002)	} PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS, Extra-Brasil	} CC, CSM, CNE
<i>Vriesea procera</i> var. <i>debilis</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 540. 1894.	VU (RS 2002)		
<i>Vriesea procera</i> var. <i>rubra</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(2): 197. 1952.			
<i>Vriesea procera</i> var. <i>tenuis</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 2(1): 121. 1943.			
<i>Vriesea pseudoatra</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 162. 1999.		Endêmica. RJ	CSM

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea psittacina</i> (Hook.) Lindl. var. <i>psittacina</i>	Bot. Reg. 29: t. 10. 1843.	VU (Brasil, 2005)	} BA, MG, ES, RJ, SP, SC, PR, RS	CC, CSM
<i>Vriesea psittacina</i> var. <i>decolor</i> Wawra	Oesterr. Bot. Z. 30: 183. 1880.	EP (RS 2002)		
<i>Vriesea psittacina</i> var. <i>rubrobracteata</i> Hook. <sup>§*</sup>	Bot. Mag. 85: t. 5108. 1859.			
<i>Vriesea punctulata</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 4(34): 272. 1986.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea racinae</i> L.B.Sm.	Lilloa 6: 387. 1941.	EP (Brasil 2005) VU (ES 2005, MG 2006)	Endêmica. MG, ES	CC
<i>Vriesea rafaellii</i> Leme*	Harvard Pap. Bot. 4(1): 163. 1999.	CR (MG 2006)	Endêmica. MG	CSM
<i>Vriesea rastrensis</i> Leme*	Bradea 5(16): 176. 1989.		Endêmica. SC	
<i>Vriesea rectifolia</i> Rauh*	Trop. Subtrop. Pflanzenwelt 50: 16. 1984.		Endêmica. PE	CNE
<i>Vriesea recurvata</i> Gaudich.	Voy. Bonite, Bot. pl. 69. 1843.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea regnellii</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 547. 1894.		Endêmica. MG, RJ	CSM
<i>Vriesea reitzii</i> Leme & A. Costa	J. Bromeliad Soc. 41(5): 196. 1991.	VU (RS 2002)	Endêmica. PR, SC, RS	
<i>Vriesea repandostachys</i> Leme	Harvard Pap. Bot. 4(1): 151. 1999.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea revoluta</i> B.R. Silva*	J. Bromeliad Soc. 55(2): 80. 2005.		Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea rhodostachys</i> L.B.Sm.	Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 121. 1943.	VU (ES 2005)	Endêmica. BA, ES	CC
<i>Vriesea roberto-seidelii</i> W. Weber	J. Bromeliad Soc. 36(1): 12. 1986.		Endêmica. BA	CC
<i>Vriesea rodigasiana</i> E. Morren	Ill. Hort. 29: 171. 1882.	VU (RS 2002)	Endêmica. CE, PE, BA, ES, RJ, SP, SC, PR, RS	CC, CSM
<i>Vriesea roethii</i> W. Weber	Bradea 3(4): 23. 1979.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea rubyae</i> E. Pereira	Rodriguésia 26(38): 115. 1971.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea ruschii</i> L.B.Sm. ssp. <i>ruschii</i>	Arq. Bot. Estado São Paulo 1(3): 59. 1941.		} Endêmica. BA, MG, ES	CC
<i>Vriesea ruschii</i> ssp. <i>leonii</i> Leme	Pabstia 4(1): 2. 1993.			
<i>Vriesea saundersii</i> (Carrière) E. Morren ex Mez	Fl. bras. 3(3): 540. 1894.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea saxicola</i> L.B.Sm.	Phytologia 16: 83. 1968.		MG	
<i>Vriesea sazimae</i> Leme	Bromélia 2(4): 26. 1995.		Endêmica. MG, SP	CSM
<i>Vriesea scalaris</i> E. Morren var. <i>scalaris</i>	Belg. Hort. 29: 301. 1879.	VU (RS 2002)	} PE, BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC, Extra-Brasil	CC, CSM, CNE
<i>Vriesea scalaris</i> var. <i>viridis</i> Mez	Monogr. Phan. 9: 578. 1896.			
<i>Vriesea sceptrum</i> Mez f. <i>sceptrum</i>	Monogr. Phan. 9: 606. 1896.		} BA, MG, RJ, SP	CSM
<i>Vriesea sceptrum</i> f. <i>flavobracteata</i> Leme <sup>§*</sup>	Bradea 4(39): 317. 1987.			
<i>Vriesea schunkii</i> Leme*	Bradea 4(50): 398. 1987.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea schwackeana</i> Mez	Monogr. Phan. 9: 590. 1896.		Endêmica. MG, ES, SP	CSM, CC
<i>Vriesea secundiflora</i> Leme	Bradea 5(29): 320. 1990.		Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Vriesea seideliana</i> W. Weber	Feddes Repert. 97(3-4): 108. 1986.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC

Táxon	Obra princeps	Categoria de ameaça	Distribuição geográfica	Corredores de Biodiversidade
<i>Vriesea serrana</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 4(19): 137. 1985.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea silvana</i> Leme*	J. Bromeliad Soc. 52(5): 220. 2002.		Endêmica. BA	
<i>Vriesea simplex</i> (Vell.) Beer	Fam. Bromel. 97. 1856.		BA, ES, RJ, SP, Extra-Brasil	CC, CSM
<i>Vriesea sparsiflora</i> L.B.Sm.	Contr. Gray Herb. 95: 48. 1931.	EP (Brasil 2005)	Endêmica. ES, RJ, SP	CC, CSM
<i>Vriesea sucrei</i> L.B.Sm. & R.W. Read	Phytologia 30(5): 292. 1975.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea taritubensis</i> E. Pereira & I.A. Penna var. <i>taritubensis</i>	Bradea 4(1): 4. 1984.		} Endêmica. RJ, SP	CSM
<i>Vriesea taritubensis</i> var. <i>brevisepala</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 4(18): 137. 1985.			
<i>Vriesea thyrsoidea</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 556. 1894.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea tijucana</i> E. Pereira	Rodriguésia 26(38): 116. 1971.		Endêmica. PE, AL, SE, BA, ES, RJ	CSM, CC, CNE
<i>Vriesea triangularis</i> Reitz	Anais Bot. Herb. Barb. Rodr. 4: 15. 1952.	R (SC 1990, Brasil 1992)	Endêmica. SC	
<i>Vriesea triligulata</i> Mez	Fl. bras. 3(3): 541. 1894.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea unilateralis</i> (Baker) Mez	Fl. bras. 3(3): 545. 1894.	EP (SP 2004)	Endêmica. ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Vriesea vagans</i> (L.B.Sm.) L.B.Sm.	Phytologia 13: 118. 1966.		MG, ES, RJ, SP, PR, SC, RS	CC, CSM
<i>Vriesea vellozicola</i> Leme & J.A. Siqueira	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 406. 2006.		Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea vidalii</i> L.B.Sm. & Handro	Phytologia 19: 289. 1970.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea vulpinoidea</i> L.B.Sm.*	Arq. Bot. Estado São Paulo 2: 122. 1943.		Endêmica. SP	CSM
<i>Vriesea warmingii</i> E. Morren	Belg. Hort. 34: 260. 1884.	CR (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea wawraea</i> Antoine	Phyto-Iconogr. Bromel. 1: t. 1, 2. 1884.	VU (Brasil 2005)	Endêmica. RJ	CSM
<i>Vriesea weberi</i> E. Pereira & I.A. Penna*	Bradea 34(4): 273. 1986.	VU (ES 2005)	Endêmica. ES	CC
<i>Vriesea zonata</i> Leme & J.A. Siqueira*	Fragmentos da Mata Atlântica do Nordeste. 374. 2006.		Endêmica. AL	CNE
<i>Wittrockia cyathiformis</i> (Vell.) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 67. 1997.		Endêmica. BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC	CC, CSM
<i>Wittrockia gigantea</i> (Baker) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 70. 1997.		Endêmica. MG, RJ, SP	CC, CSM
<i>Wittrockia paulistana</i> Leme	<i>Nidularium</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 224. 2000.		Endêmica. SP	CSM
<i>Wittrockia spiralipetala</i> Leme*	Bradea 5(16): 171. 1989.		Endêmica. RJ	CSM
<i>Wittrockia superba</i> Lindm.	Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 24(8): 20. 1891.	EP (RS 2002)	Endêmica. RJ, SP, PR, SC	CSM
<i>Wittrockia tenuisepala</i> (Leme) Leme	<i>Canistrum</i> - Bromélias da Mata Atlântica. 65. 1997.		Endêmica. MG	

**Tabela 2** – Lista de gêneros com o número total de espécies registradas no domínio da Mata Atlântica. Negrito = gênero endêmico.

Gênero/ nº total de espécies	nº de espécies na Mata Atlântica	nº de espécies endêmicas da Mata Atlântica no Brasil	nº de táxons conhecidos apenas pela coleção-tipo
<i>Vriesea</i> (250)	166	145	56
<i>Aechmea</i> (250)	136	120	39
<i>Neoregelia</i> (125)	97	87	31
<i>Tillandsia</i> (557)	53	22	15
<i>Cryptanthus</i> (58)	52	48	26
<b><i>Nidularium</i></b> (45)	45	45	3
<i>Billbergia</i> (65)	35	21	6
<i>Orthophytum</i> (40)	28	23	15
<i>Dyckia</i> (130)	35	12	5
<i>Hohenbergia</i> (55)	24	19	5
<b><i>Quesnelia</i></b> (16)	16	16	2
<i>Pitcairnia</i> (350)	16	13	3
<i>Alcantarea</i> (18)	16	15	2
<b><i>Canistrum</i></b> (13)	13	13	3
<b><i>Canistropsis</i></b> (11)	11	11	1
<i>Portea</i> (8)	8	8	-
<b><i>Lymania</i></b> (8)	8	8	1
<i>Bromelia</i> (56)	6	1	-
<b><i>Wittrockia</i></b> (6)	6	6	1
<i>Ananas</i> (7)	3	1	-
<i>Ronnbergia</i> (14)	4	4	3
<b><i>Edmundoa</i></b> (3)	3	3	-
<i>Guzmania</i> (200)	3	-	-
<i>Racinaea</i> (58)	3	2	-
<i>Acanthostachys</i> (2)	2	-	-
<i>Araeococcus</i> (9)	5	5	1
<i>Encholirium</i> (23)	3	2	-
<i>Catopsis</i> (18)	2	-	-
<b><i>Fernseea</i></b> (2)	2	2	-
<b><i>Andrea</i></b> (1)	1	1	-
<i>Pseudananas</i> (1)	1	—	-
Total	803	653	218

**Tabela 3** – Riqueza, endemismo e número de espécies ameaçadas nos corredores da biodiversidade da Mata Atlântica. CNE = Corredor do Nordeste; CC = Corredor Central; CSM = Corredor da Serra do Mar. \* Percentual em relação ao total de espécies da Mata Atlântica (803); \*\* Percentual em relação ao total de espécies em cada corredor ou nos três corredores; \*\*\* Percentual em relação ao total de espécies ameaçadas para a Mata Atlântica (319).

Corredores	Total spp. (%*)	Endêmicas MA (%**)	Total spp. ameaçadas (%***)	Ameaçadas e endêmicas MA (%***)
Corredores CC, CSM ou CNE	671 (83,6%)	585 (87,2%)	265 (84,1%)	238 (75,6%)
Corredor Central	396 (49,3%)	336 (84,8%)	166 (52,7%)	149 (47,3%)
Corredor da Serra do Mar	369 (46%)	309 (83,7%)	143 (45,4%)	117 (37,1%)
Corredor do Nordeste	86 (10,7%)	53 (61,6%)	24 (7,6%)	14 (4,4%)

**AGRADECIMENTOS**

Ao Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ao Critical Ecosystem Partnership Fund (CEPF), à Fundação Botânica Margaret Mee (FBMM) e à Aliança para a Conservação da Mata Atlântica pelo patrocínio e apoio. Aos curadores dos herbários, pela sempre atenciosa recepção. Aos especialistas na família que contribuíram com valiosas sugestões durante o “Workshop Estratégias e Abordagens para a Conservação de Bromeliaceae da Mata Atlântica”. A Denise Pinheiro da Costa e aos dois assessores anônimos pelas diversas sugestões.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Aguiar, A. P.; Chiarello, A. G.; Mendes, S. L. & Matos, E. N. 2003. The Central and Serra do Mar Corridors in the Brazilian Atlantic Forest. *In: Galindo-Leal, C. & Camara, I. G. (orgs.). The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats and Outlook Center for Applied Biodiversity Science at Conservation International. Island Press, Washington. Pp. 118-132.*
- Amorim, A. M. A.; Fiaschi, P.; Jardim, J. G.; Thomas, W. W.; Clifton, B. C. & Carvalho, A. M. V. 2005. The vascular plants of a forest fragment in Southern Bahia, Brazil. *Sida* 21(3): 1727-1757.
- Araújo, D.S.D. 2000. Análise florística e fitogeográfica das restingas do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 176p.
- Assis, A. M.; Thomas, L.D. & Pereira, O. J. 2004. Florística de um trecho de floresta de restinga no Município de Guarapari, Espírito Santo, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 18(1): 191-201.
- Ayres, J. M.; Fonseca, G. A. B.; Rylands, A. B.; Queiroz, H. L.; Pinto, L. P.; Masterson, D. & Cavalcanti, R. B. 2005. Os corredores ecológicos das florestas tropicais do Brasil. Sociedade Civil Maminaurá, Belém, 256p.
- Barros J. V. 2006. O gênero *Billbergia* Thunb. (Bromeliaceae, Bromelioideae) no estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 132 p.
- Barrros, F.; Melo, M. M. R. F.; Chiea, S. A. C.; Kirizawa, M.; Wandereley, M. G. L. & Jung-Mendaçolli, S. L. 1991. Caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes. *In: Melo, M. M. R. F.; Barros, F.; Wanderley, M. G. L.; Kirizawa, M.; Jung-Mendaçolli, S. L. & Chiea, S. A. C. (eds.). Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso. Vol. 1. Instituto de Botânica, São Paulo, 184p.*
- Bonnet, A. & Queiroz, M. H. 2006. Estratificação vertical de bromélias epifíticas em diferentes estádios sucessionais da Floresta Ombrófila Densa, Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 29(2): 217-228.
- Borgo, M. & Silva, S. M. 2003. Epífitos vasculares em fragmentos de Floresta Ombrófila Mista, Curitiba, Paraná, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 26(3): 391-401.
- Cabrera, A. L. & Willink, A. 1973. Biogeografia de América Latina. Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos, Washington, 231p.
- Clarke, H. D. & Funk, V. A. 2005. Using checklists and collections data to investigate plant diversity: An analysis of five florulas from northeastern South America. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia* 154: 29-37.
- CN-RBMA, 2004. [www.rbma.org.br](http://www.rbma.org.br)
- Cogliatti-Carvalho, L.; Freitas, A. F. N.; Rocha, C. F. D. & van Sluys, M. 2001. Variação na estrutura e na composição de Bromeliaceae em cinco zonas de restinga no Parque Nacional da Restinga de

- Jurubatiba, Macaé, RJ. *Revista Brasileira de Botânica* 24(1): 1-9.
- Costa, A. F. 2002. Revisão taxonômica do complexo *Vriesea paraibica* Wawra (Bromeliaceae). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 187p.
- Costa, A. F. & Dias, I. C. A. (orgs.). Flora do Parque Nacional da restinga de Jurubatiba e arredores, RJ: listagem, florística e fitogeografia (Angiospermas, Pteridófitas e Algas continentais). Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 200p.
- Costa, A. F. & Wendt, T. 2007. Bromeliaceae na região de Macaé de Cima, Nova Friburgo, Rio de Janeiro. *Rodriguésia* 58(4): 905-939.
- Faria, A. P. G. 2006. Revisão taxonômica de filogenia de *Aechmea* Ruiz & Pav. subg. *Macrochordion* (De Vriese) Baker, Bromelioideae – Bromeliaceae. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 199p.
- Faria, A. P. G.; Wendt, T. & Brown, G. K. 2004. Cladistic relationships of *Aechmea* (Bromeliaceae, Bromelioideae) and allied genera. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 91: 303-319.
- Fraga, C. N.; Simonelli, M. & Fernandes, H. Q. B. 2007. Metodologia utilizada na elaboração da lista da flora ameaçada de extinção no Espírito Santo. *In*: Fraga, C. N. & Simonelli, M. (orgs.). Espécies da flora ameaçadas de extinção no estado Espírito Santo. IPEMA, Vitória. Pp. 59-72.
- Fontoura, T. 2005. Distribuição geográfica, forófitos e espécies de bromélias epífitas nas matas e plantações de cacau na região de Una, Bahia. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 84p.
- Fontoura, T.; Costa, A. & Wendt, T. 1991. Preliminary checklist of the Bromeliaceae of Rio de Janeiro State, Brazil. *Selbyana* 12: 5-45.
- Forzza, R. C. 2005. Revisão taxonômica de *Encholirium* Mart. *ex* Schult. & Schult. f. (Pitcairnioideae – Bromeliaceae). *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 23(1): 1-49.
- Fonseca G. A. B.; Alger, K.; Pinto, L. P. & Cavalcanti, R. 2004. Corredores de Biodiversidade: o corredor Central da Mata Atlântica. *In*: Arruda, M. B. & Sá, L. F. S. N. (orgs.). Corredores ecológicos: uma visão integradora de ecossistemas. Ibama, Ministério do Meio Ambiente. Pp. 47-65.
- Giongo, C. & Waechter, J. L. 2004. Composição florística e estrutura comunitária de epífitos vasculares em uma floresta de galeria na Depressão Central do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Botânica* 27(3): 563-572.
- Givnish, T. J.; Millam, K. C.; Berry, P. E. & Sytsma, K. J. 2005. Phylogeny, adaptive radiation, and historical biogeography of Bromeliaceae inferred from *ndhF* sequence data. *In*: Columbus, J. T.; Friar, E. A.; Hamilton, C. W.; Porter, J. M.; Prince, L. M. & Simpson, M. G. (eds.). *Monocots: Comparative Biology and Evolution* (3 vols.). Rancho Santa Ana Botanic Garden, Claremont. Pp. 3-26.
- GSPC. 2005. Estratégia global para a conservação de plantas. RBJB/JBRJ/BGCI, 13p.
- Holmgren, P. K. & Holmgren, N. H. 1998 [continuously updated]. Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium. <http://sweetgum.nybg.org/ih/>
- IBAMA. 1992. Portaria nº 06-N de 15 de Janeiro de 1992. Lista oficial de espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção.
- IEMA. 2005. Lista oficial das espécies da flora do estado do Espírito Santo ameaçadas de extinção. Decreto Estadual nº 1499-R publicado no Diário Oficial do Estado no dia 14 de junho de 2005.
- IOPi. 2006. International Organization for Plant Information: The Global Plant Checklist Project. 2006: <http://www.iopi.org>.

- Kersten, R. A. & Silva, S. M. 2002. Florística e estrutura do componente epifítico vascular em floresta ombrófila mista aluvial do rio Barigüi, Paraná, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 25(3): 259-267.
- Klein, R. M. 1990. Espécies raras ou ameaçadas de extinção do estado de Santa Catarina. Vol. 1. IBGE, Rio de Janeiro. Pp. 185-287.
- Leitão-Filho, H. F. 1987. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e subtropicais do Brasil. *IPEF* 35: 41-46.
- Leme, E. M. C. 1997. *Canistrum*, Bromélias da Mata Atlântica. Ed. Salamandra, Rio de Janeiro, 107p.
- Leme, E. M. C. 1998. *Canistropsis*, Bromélias da Mata Atlântica. Ed. Salamandra, Rio de Janeiro, 143p.
- Leme, E. M. C. 2000. *Nidularium*. Bromélias da Mata Atlântica. Ed. Sextante, Rio de Janeiro. 264p.
- Leoni, L. S. & Trindade, T. 2006. Bromeliaceae da Zona da Mata Leste do estado de Minas Gerais. *Pabstia* 17(2): 1-20.
- Lewinsohn, T. M. & Prado, P. I. 2002. Biodiversidade Brasileira: síntese do estado atual do conhecimento. Contexto. São Paulo. 176p.
- Lima, H. C. & Guedes-Bruni, R. R. 1997. Diversidade de plantas vasculares na Reserva Ecológica de Macaé de Cima. *In*: Lima, H. C. & Guedes-Bruni, R. R. (orgs.). Serra de Macaé de Cima: Diversidade Florística e Conservação em Mata Atlântica. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Pp. 29-39.
- Luther, H. E. 2004. An alphabetical list of bromeliad binomials. 10<sup>th</sup> ed. The Bromeliad Society International. The Marie Selby Botanical Gardens, Sarasota, 113p.
- Luther, H. E. & Sieff, E. 1994. De Rebus Bromeliacearum I. *Selbyana* 15: 9-93.
- Luther, H. E. & Sieff, E. 1997. De Rebus Bromeliacearum II. *Selbyana* 18(1): 103-140.
- Luther, H. E. & Sieff, E. 2001. De Rebus Bromeliacearum III. *Selbyana* 22(1): 34-67.
- Marks, K. 2006. An alphabetical list of bromeliad synonyms. The Bromeliad Society International, 77p.
- Mamede, M. C. H.; Cordeiro, I. & Rossi, L. 2001. Flora vascular da Serra da Juréia, Município de Iguape, São Paulo, Brasil. *Boletim do Instituto de Botânica* 15: 63-124.
- Marques, M. C. M. (org.). 1997. Mapeamento da cobertura vegetal e listagem das espécies ocorrentes na área de Proteção Ambiental de Cairucu, Parati, RJ. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Série Estudos e Contribuições 13: 1-96.
- Martinelli, G. 1988. Padrões fitogeográficos em Bromeliaceae dos campos de altitude da floresta pluvial tropical costeira do Brasil no estado do Rio de Janeiro. *Rodriguésia* 66(40): 3-10.
- Martinelli, G. 2006. Manejo de populações e comunidades vegetais: um estudo de caso na conservação de Bromeliaceae. *In*: Rocha, F. D.; Bergallo, H. G.; Sluys, M. V. & Alves, M. A. S. (eds). *Biologia da Conservação: Essências*. Ed. Rima, São Paulo. Pp. 479-503.
- Mendonça, M. P. & Lins, L. V. 2000. Introdução. Listas vermelhas: ferramentas para conservação de espécies ameaçadas. *In*: Mendonça, M. P. & Lins, L. V. (orgs.). *Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas de Extinção da Flora de Minas Gerais*. Fundação Biodiversitas & Fundação Zôo-Botânica. Belo Horizonte. Pp. 13-30.
- MMA. 1998. Primeiro relatório nacional para a convenção sobre diversidade biológica: Brasil, Brasília, 283p.
- Moura, R. L.; Costa, A. F. & Araujo, D. S. D. 2007. Bromeliaceae das restingas fluminenses: florística e fitogeografia. *Arquivos do Museu Nacional* 65(4): 139-168.
- Myers, N.; Mittermeier, R. A.; Fonseca, G. A. B. & Kent, J. 2000. Biodiversity

- hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858.
- Nunes-Freitas, A. F. 2005. Bromeliáceas da Ilha Grande: variação inter-habitats na composição, riqueza e diversidade da comunidade. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 195p.
- Oliveira-Filho, A. T. & Fontes, M. L. A. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in Southeastern Brazil and the influence of climate. *Biotropica* 32(4b): 793-810.
- Paula, C. C. 1998. Florística da família Bromeliaceae no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 238p.
- Pontes, R. A. S. 2005. Bromeliaceae da floresta atlântica no estado da Paraíba, Brasil. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro. Pp 1-80.
- Reitz, R. 1983. Bromeliáceas e a Malária-Bromélia Endêmica. *In*: Reitz, R. (ed.). *Flora Ilustrada Catarinense*. Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí, Fasc. BROM. 59p.
- Rizzini, C. T. 1997. Tratado de fitogeografia do Brasil. 2ª. ed. Âmbito Cultural Edições, Rio de Janeiro, 747p.
- Rocha, C. F. D.; Bergallo, H. G.; van Sluys, M.; Alves, M. A. S. & Jenkins, C. 2006. Corredores ecológicos e conservação da biodiversidade: um estudo de caso na Mata Atlântica. *In*: Rocha, F. D.; Bergallo, H. G.; Sluys, M. V. & Alves, M. A. S. (eds). *Biologia da Conservação: Essências*. Ed. Rima, São Paulo. Pp. 317-342.
- Rocha, C. F. D.; Cogliatti-Carvalho, L. & Almeida, D. R. 1997. Bromélias: ampliadoras de biodiversidade. *Bromélia* 4(4): 7-10.
- Rogalski, J. M. & Zanin, E. M. 2003. Composição florística de epífitos vasculares no estreito de Augusto César, Floresta Estacional Decidual do Rio Uruguai, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 26(4): 551-556.
- Sanderson, J.; Alger, K.; Fonseca, G. A. B.; Galindo-Leal C.; Inchausti, V. H. & Morrinson, K. 2003. Biodiversity conservation corridors: planning, implementing and monitoring sustainable landscape. Conservation International, Washington, 41p.
- Saunders, D. A. & Hobbs, R. J. 1991. The role of corridors in conservation: what do we know and where do we go? *In*: Saunders, D. A. & Hobbs, R. J. (eds.). *Nature Conservation 2: the role of corridors*. Surrey Beatty & Sons. Chipping Norton, New S.Wales. Pp. 421-427.
- SEMA. 1995. Lista vermelha de plantas ameaçadas de extinção no estado do Paraná. SEMA/GTZ, Curitiba, 139p.
- SEMA. 2002. Lista oficial das espécies plantas ameaçadas de extinção no estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/sema/html/pdf/especies-ameacadas>.
- SEMA. 2004. Lista oficial das espécies da flora do estado de São Paulo ameaçadas de extinção. Diário Oficial do Estado de São Paulo, Resolução SMA 48. [http://www.ibot.sp.gov.br/resolucao\\_sma48/resolucao48.htm](http://www.ibot.sp.gov.br/resolucao_sma48/resolucao48.htm).
- Siqueira-Filho, J. A. & Leme, E. M. C. 2006. Fragmentos de Mata Atlântica do Nordeste. Biodiversidade, Conservação e suas Bromélias. Andréa Jakobson Estúdio, Rio de Janeiro, 416p.
- Siqueira-Filho, J. A.; Santos, A. M. M.; Leme, E. M. C. & Cabral, J. S. 2006. Fragmentos da Mata Atlântica de Pernambuco e Alagoas e suas bromélias: distribuição, composição riqueza e conservação. *In*: Siqueira-Filho, J. A. & Leme, E. M. C. (eds.). *Fragmentos de Mata Atlântica do Nordeste*. Biodiversidade, Conservação e suas Bromélias. Andrea Jakobson Estúdio, Rio de Janeiro. Pp. 101-131.

- Smith, L. B. 1955. The Bromeliaceae of Brazil. Smithsonian Miscellaneous Collections 126(1): 1-290.
- Smith, L. B. & Downs, R. J. 1974. Pitcairnioideae (Bromeliaceae). Flora Neotropica Monograph 14(1): 1- 658.
- Smith, L. B. & Downs, R. J. 1977. Tillandsioideae (Bromeliaceae). Flora Neotropica Monograph 14(2): 663-1492.
- Smith, L. B. & Downs, R. J. 1979. Bromelioideae (Bromeliaceae). Flora Neotropica Monograph 14(3): 1493-2141.
- SOS MATA ATLÂNTICA/INPE. 2000. Atlas dos remanescentes florestais e ecossistemas associados da Mata Atlântica. Fundação SOS Mata Atlântica, São Paulo.
- Sousa, G. M. 2004a. Revisão taxonômica de *Aechmea* Ruiz & Pavon subg. *Chevaliera* (Gaudich. ex Beer) Baker Bromelioideae – Bromeliaceae. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 185p.
- Sousa, G. M. & Wanderley, M. G. L. 2000. *Aechmea* Ruiz & Pav. (Bromeliaceae) do estado de Pernambuco, Brasil. Acta Botânica Brasílica 14(1): 77-97.
- Sousa, L. O. 2004b. Revisão taxonômica e filogenia do gênero *Lymania* Read. (Bromelioideae – Bromeliaceae). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 102p.
- SPECIES2000. 2006. The catalogue of life: <http://species2000.org> Acessado em 1/9/2007.
- Tabarelli, M.; Aguiar, A. V.; Grillo, A. S. & Santos, A. M. M. 2006. Fragmentação e perda de habitats na Mata Atlântica ao norte do rio São Francisco. In: Siqueira-Filho, J. A. & Leme, E. M. C. Fragmentos de Mata Atlântica do Nordeste. Biodiversidade, Conservação e suas Bromélias. Andréa Jakobson Estúdio, Rio de Janeiro. Pp. 81-99.
- Tardivo, R. C. 2002. Revisão taxonômica de *Tillandsia* L. subgênero *Anoplophytum* (Beer) Baker (Bromeliaceae). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 243p.
- Urban, D. L. & Shugart, H. H. Jr. 1986. Avian demography in mosaic landscapes: Modelling paradigm and preliminary. In: Verner, M. L.; Morrison, M. L. & Ralph, C. J. (eds). Wildlife 2000. Modelling habitat relationships of terrestrial vertebrates. University Wisconsin Press, Wisconsin. Pp. 273-279.
- Veloso, H. P.; Rangel-Filho, A. L. R. & Lima, J. C. A. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. IBGE, Rio de Janeiro, 123 p.
- Versieux, L. M. & Wendt, T. 2006. Checklist of Bromeliaceae of Minas Gerais, Brazil, with notes on taxonomy and endemism. Selbyana 27(2): 107-146.
- Versieux, L. M. & Wendt, T. 2007. Bromeliaceae diversity and conservation in Minas Gerais state, Brazil. Biodiversity and Conservation 16: 2989-3009.
- Vidal, U. A. 1995. A família Bromeliaceae na Reserva Ecológica Rio das Pedras, Mangaratiba, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 156p.
- Vieira, C. M. 2006. *Quesnelia* Gaudich. (Bromelioideae: Bromeliaceae) do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Pesquisas, Botânica 57: 7-102.
- Wanderley, M. G. L. & Mollo, L. 1992. Bromeliaceae. In: Melo, M. M. R. F.; Barros, F.; Chiea, S. A. C.; Wanderley, M. G. L.; Jung-Mendaçolli, S. L. & Kirizawa, M. (eds.). Flora Fanerogâmica da Ilha do Cardoso. Vol. 3. Instituto de Botânica, São Paulo. Pp. 89-140.
- Wendt, T. 1994. *Pitcairnia* L'Héritier (Bromeliaceae) of Rio de Janeiro State, Brazil. Selbyana 15: 66-78.
- Wendt, T. 1997. A review of the subgenus *Pothuava* (Baker) Baker of *Aechmea* Ruiz & Pav. (Bromeliaceae) in Brazil. Botanical Journal of the Linnean Society 125: 245-271.

With, K. A.; Gardner, R. H. & Turner, M. G. 1997. Landscape connectivity and population distributions in heterogeneous environments. *Oikos* 78: 151-169.

Workshop Biodiversitas. 2005. Revisão da Lista da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção. <http://www.biodiversitas.org.br/florabr/>. Acessado em 1/9/2006.